

## O QUE UM RANKING TEM A DIZER

Lidiane Soares Rodrigues<sup>1</sup>

“A fração dominada (...) tende sempre a colocar o capital específico a que ela deve sua posição, no topo da hierarquia dos princípios de hierarquização”<sup>2</sup>.

### Introdução

Hodiernamente, a manutenção e a transmissão da herança intelectual do marxismo dependem de práticas específicas da esfera cultural e científica, distintas daquelas que são próprias do campo político, no qual ele se originou. Em escala internacional, um exemplo conspícuo consiste na orientação filológica e técnica imprimida ao histórico projeto de coleta, organização e publicação do conjunto completo de escritos de Karl Marx e Friedrich Engels (MEGA) (SCHÖTTLER, P.; GRANDJONC, J., 1993; MUSTO, 2009). Em âmbito nacional, são patentes os liames entre, de um lado, os editores, os comentadores, os tradutores de Karl Marx e de autores marxistas e, de outro, os professores universitários, os centros e grupos de estudos, o recrutamento de alunos e de leitores (BOITO Jr.; MOTTA, 2014).

As operações que caracterizaram a transferência, paulatina e descontínua, do repertório marxista (léxico, autores, livros, leitores/leituras) dos espaços políticos aos científicos variaram enormemente no tempo e no espaço. Contudo, esta diversidade apresenta um traço constante. Trata-se da “intelectualização” seletiva do conjunto<sup>3</sup>, fenômeno mais amplo, do qual o marxismo é um caso, ao lado da psicanálise e de tantos outros. Se a importação para as instituições científicas foi realizada por agentes interessados nela, constata-se que estes eram, *simultaneamente*, portadores das restrições específicas que as caracterizam e ocupavam posições dominadas e/ou potencialmente conflitivas com as mesmas, daí disporem-se a inová-las. Em contrapartida, uma vez que a inovação seja rotinizada, o perfil dos agentes passa a ser outro, assim como as estratégias de concorrência e as tarefas de manutenção desta corrente teórica no interior dos espaços culturais e científicos em que se situam

---

<sup>1</sup> Pesquisadora e Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais da UFSCar. O banco de dados que dá origem a este trabalho pertence a uma pesquisa denominada “O marxismo nas universidades brasileiras”, realizada em parceria com Paula Marcelino (Departamento de Sociologia/USP) e Danilo Torini (Cebrap) e parcialmente financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

<sup>2</sup> Pierre Bourdieu. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 12.

<sup>3</sup> Na esteira weberiana, este termo foi utilizado por Norbert Elias (ELIAS, 1982), para designar, de modo geral, este tipo de importação institucional – da qual o marxismo e a psicanálise, por exemplo, são casos paradigmáticos.

(RODRIGUES, 2012). Eis o escopo da investigação mais ampla em que o presente trabalho se localiza, enquanto estudo parcial. O presente artigo trata desta “intelectualização seletiva”, em escala nacional, e tem como objeto a predileção dos marxistas por “autores/intérpretes do Brasil”<sup>4</sup>.

A quantidade extraordinária de acadêmicos brasileiros que se autodenominam marxistas e os efeitos de suas atividades podem ser atestados: a) pela constituição de um espaço autorreferenciado de produção e circulação de pessoas e de ideias<sup>5</sup>; b) pela capacidade de inserção deste espaço autorreferenciado nos espaços mais amplos de suas disciplinas e profissões originárias; e, c) por sua capacidade de difusão tanto em áreas avizinhas a elas quanto entre interessados cultivados. No intuito de investigar duas ordens principais de construção objetiva de sua produção intelectual – a saber, a lógica das suas práticas específicas e as estratégias de inserção das mesmas na produção

---

<sup>4</sup> Obviamente, não ignoramos que os processos correlatos de relativa remoção do âmbito político em que emergiu e de assentamento seletivo no plano cultural para o qual foi deslocado o marxismo originaram numerosas classificações lamuriosas, tais como “marxismo de cátedra” e “marxismo ocidental”. A jurisprudência das supostas condutas “traidores”/“fíeis” dos princípios, substrato destes termos, animaram a produção de textos que consistem em documentos preciosos do referido percurso. Apesar disso, eles não têm sido encarados deste modo e o volume dos mesmos contrasta com um minguado número de pesquisas que os tenham submetido a bom exame. A bibliografia consultada até a presente data pode ser fracionada em dois segmentos: a) sociodiceias (histórias do marxismo, *de* marxistas *para* marxistas) e b) análises sociológicas destas sociodiceias. Sobre “a”: classificamo-las como *sociodiceias* de grupo, na mesma acepção de Pierre Bourdieu, em sua releitura da sociologia da religião de Weber (BOURDIEU, 2003). Trata-se de narrativas que ordenam no tempo e conferem sentido às experiências constitutivas da coletividade, sedimentando seus vínculos e repondo *ethos* de grupo. A categoria classificatória central desta sociodiceia é precisamente “marxismo ocidental”, correspondendo ao processo no centro da investigação – a ancoragem cultural em detrimento da política propriamente dita, que se observa no destino contemporâneo dos marxistas. Remontaria ao fim do século XIX, a constatação que o grupo faz do mencionado deslocamento. Entretanto, a classificação ganhou o fôlego ainda vigente com a publicação, em meados dos anos 1970, do livro de Perry Anderson (2004). Desde então, ela se encontra central em discussões a respeito do que é “ser (legitimamente) marxista”, isto é, dos critérios *políticos* que delimitam o pertencimento *sociológico* ao grupo. Sobre “b”: destacamos trabalhos aos quais unimos nossos esforços – BRUN, 2014; GOUARNÉ, 2013; RODRIGUES, 2012; TARCUS, 2007; MATONTI, 2005; YMONET, 1984; BOSCHETTI, 1985; GOTTRAUX, 1997; HAUPT, 1983.

<sup>5</sup> Empregamos o termo “espaço autorreferenciado” para designar o conjunto de congressos, editoras, periódicos, agenda de leitura-pesquisa, repertório autoral e matrizes bibliográficas em diálogo interno, produzidos por uma sociabilidade muito particular (que, infelizmente, a economia do artigo impede de descrever). Emprega-se o termo *espaço* (político e científico), procurando acompanhar a bibliografia contemporânea que, diante de objetos transnacionais e internacionais, optou por esta noção em detrimento do emprego do conceito de “campo”, cujas implicações, no nível do procedimento metodológico e analítico, pareceram-lhe inadequadas a eles (SAPIRO, 2013, p. 71). Não fora por isso, hesitaríamos em adotar o conceito por entender que a experiência brasileira não foi modulada pela densidade da produção cultural, tampouco pela intensa diferenciação social, e estabilidade da estrutura do campo (capaz de inculcar disposições afinadas com ele) pressupostas na elaboração e pelo emprego do conceito. Nesta pesquisa, inclinamo-nos a entender que a indiferenciação entre os espaços político e científico – e a conseqüente dependência dos artefatos culturais do cacife material e simbólico ofertado pela política, bem como o embaralhamento de critérios de apreciação dos produtos culturais – seja mais determinante do sentido da ação dos agentes (sentido na acepção de “significação” e de “orientação”; conforme: SAPIRO, 2005, p. 91).

acadêmica mais ampla – propôs-se aos marxistas universitários brasileiros que eles respondessem a um questionário<sup>6</sup>. Uma das perguntas que o compunham era a seguinte: “Por quais autores/intérpretes do Brasil, você tem mais interesse?”<sup>7</sup>

## Marxismo e interpretações do Brasil

A centralidade da categoria classificatória “intérpretes do Brasil”, no cenário das ciências sociais brasileiras, é tão peculiar quanto a referida quantidade marxistas. Ela encontra-se estreitamente ligada à demanda disciplinar por um passado coletivo, cristalizado numa narrativa das origens, compartilhada por seus contemporâneos (HEILBRON, 2006). A concepção de intérprete e as práticas que ela é capaz de gerar, na pesquisa social brasileira, equivalem *mutatis mutandis* às literaturas nacionais na formação dos Estados modernos: elas instituem a unidade da língua, os contornos de uma identidade no tempo e no espaço e conformam estilo (ANDERSON, 2008). Sendo constitutivas da socialização profissional, por meio de atividades aparentemente

---

<sup>6</sup> 1308 marxistas (isto é, pessoas que se consideram marxistas), trabalhando em universidades, na qualidade de professores de graduação e de pós-graduação e/ou alunos de pós-graduação (mestrado, doutorado e pós-doutorandos) responderam a um questionário *on-line* – dos quais 988 foram considerados válidos para elaboração do banco de dados. As estratégias de difusão da pesquisa foram as seguintes: solicitação (para responderem e nos auxiliarem na divulgação) dirigida aos conselhos e comitês editoriais de periódicos marxistas (*Crítica Marxista, História e Luta de Classes, Outubro, Novos Rumos, Novos Temas, Antítese e Margem Esquerda*); notificação em sites de centros marxistas (Cemarx – Centro de Estudos Marxistas, da Unicamp; LeMarx – Laboratório de Estudos Marxistas, da USP), blogs (Marxismo21) e redes sociais; envio de pedidos personalizados a todos os marxistas que compõem o banco de cadastrados da *Crítica Marxista* e aos coordenadores de grupos de pesquisa credenciados no CNPq (selecionados por meio de uma busca com palavras-chave pertinentes). Paula Marcelino (Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo), Danilo Torini (Cebrap) e eu encaminhamos juntos conjuntamente esta pesquisa. A todos os respondentes e apoiadores, sem os quais esta pesquisa não se viabilizaria, expressamos publicamente nossos sinceros agradecimentos. Igualmente agradecemos o auxílio do CNPq.

<sup>7</sup> Sublinhe-se a sensibilidade do meio para a fórmula “autores/intérpretes”. Sendo organizado e hierarquizado em torno da adoção à dupla identificação – marxistas/gramscinianos; marxistas/lukacianos; marxistas/althusserianos – a pergunta não suscita estranhamento. Ela segue a dinâmica do espaço e se alinha às disposições dos respondentes, para as quais a eleição de autores é uma operação cognitiva naturalizada neste espaço. Sendo os “autores” um princípio estruturante do espaço, ele encontra-se ativado em outras predileções (não estritamente a aural). Os exemplos são abundantes. Atentando-se às apresentações orais de trabalhos em seus congressos, escuta-se fórmulas geradoras como: “hipótese de leitura”, “proposta de leitura” em detrimento de marcas que assinalariam um trabalho científico propriamente dito. Desse modo, o gênero “comentário de autores” parece inescapável – mesmo para professores e estudantes cujo ramo de especialização seja temático (isto é, dediquem-se a assuntos como sindicatos, movimentos sociais, e não à divulgação de obras e autores, etc.). O caso remete ponto a ponto à oposição da conduta, do estilo de vida e de obra, do pólo professoral e do pólo de pesquisa das práticas acadêmicas, elaborada por Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 1984, cap. 2). Esta contraposição – professores / pesquisadores – permite situar a aliança potencial dos dois ambientes que se apresenta acima (comentadores de pensadores brasileiros e marxistas) no primeiro pólo. Em ambos, são similares o princípio estruturante (autores) e as práticas textuais (professorais, ao estilo de manuais escolares).

insignificantes – conferências, palestras, congressos e conversas de corredor – o anedotário dos tempos pretéritos e as hierarquias dos nomes/autores vão sendo apresentadas pelas gerações mais velhas aos recém-chegados, reproduzindo dimensões estruturantes do espaço. Trata-se de dispositivos poderosos de inculcação de um *ethos* profissional. Precoce e irrefletidamente o *valor* de uma agenda de leituras/autores, e dos que os defendem, é interiorizado pelos novatos. Dificilmente, pesquisadores, docentes, discentes não adotem como *dever* a leitura de um/seu(s) “intérprete(s)” do Brasil, nele encontrando um estoque de formulações que subsidiam diagnósticos e *insights* a respeito da “formação nacional”, do presente e do futuro. Trata-se de pensar com este(s) autor(es) e, não raramente, associá-lo a outros, casando-os por meio de parentescos conceituais, na base da instituição de “famílias”, “linhagens”<sup>8</sup>. Em suma, a dimensão estruturante das práticas correlatas à ideia de “intérpretes do Brasil” inviabiliza que os cientistas sociais passem incólumes a elas. Tornem-se ou não comentaristas profissionais dos grandes autores, especializem-se ou não no “campo” do “pensamento social brasileiro” e do “pensamento político brasileiro”, aprendem quem são e como seus predecessores *devem* ser cultivados. Posto que a presente pesquisa investigue as convergências e as divergências entre as práticas internas do meio dos marxistas e as dos espaços acadêmicos em que se inserem, de modo relativamente segmentado, importa situá-los em relação aos especialistas em pensamento social/político brasileiro (doravante, *PSPB*), veiculadores da ideia de intérpretes.

Como o conjunto da pesquisa social e de áreas vizinhas, o marxismo sofre os efeitos das práticas do *PSPB*. Porém, eles são intensificados, em razão das afinidades eletivas entre os dois agrupamentos (marxismo – pensamento social/político brasileiro)<sup>9</sup>. Em primeiro lugar, os dois espaços são estruturados pelo princípio de

*Fronteira ilimitada: “o pensamento social brasileiro é uma área interdisciplinar de pesquisa, que envolve também a história e a literatura, por exemplo.” (André BOTELHO, 2014).*

*“dar forma e estrutura à história de um assunto tão amplo e aparentemente ilimitado é problema de importância fundamental. Talvez seja útil apresentar, aos eventuais leitores desta História, uma esquematização dos princípios sobre cujas bases buscou-se organizá-la” (Eric HOBBSBAWM, 1983, p. 13).*

<sup>8</sup> Se o enquadramento interpretativo do papel da área no espaço disciplinar encontra suporte no trabalho de Johan Heilbron, as evidências que dão esteio ao que se afirma se encontram, entre outros, em: BRANDÃO, 2009; BASTOS, 2002; BOTELHO, 2011; LYNCH, 2016. Tem sido cada vez mais recorrente o emprego do termo “campo” entre os que escrevem a respeito dos intérpretes – as aspas indicam, portanto, que usamos a categoria do grupo para se autodenominar e não o conceito de Pierre Bourdieu, contemplado em nota anterior.

<sup>9</sup> Embora seja impossível esgotar no presente artigo a análise de todas elas, ressaltamos aquelas que dão suporte à análise seguinte.

adoção e identificação com um *autor* e/ou autores. Entre especialistas do *PSPB*, não raro a pergunta de apresentação é “*quem* você estuda”. Entre marxistas, os subgrupos se segmentam e se reconhecem como gramscinianos, lukacianos, althusserianos – e a pergunta de identificação se repete. Em segundo lugar, a prática que corresponde a este princípio estruturante é a leitura (temática, autoral, intensiva e vertical, “em profundidade” – para empregar termo que pontilha autodefinições nos dois agrupamentos). Ambos, manejando conteúdos/autores diferentes: 1) inculcam o valor e o reconhecimento da prática desta leitura, assim como do comentário que tem esteio nela; 2) *pari passu* inculcam os princípios de apreciação/depreciação de autores/obras em geral, na base da classificação e hierarquização dos mesmos (em “clássicos”, “menores”, “esquecidos que ‘deveriam’ ser clássicos”, etc.); 3) a partir desta prática e destes princípios, constroem um espaço autorreferenciado, com agenda própria de “hipóteses de leitura” voltada a seus autores/obras diletos. Em terceiro lugar, ambos promovem o agrupamento de representantes de disciplinas diferentes, e, naturalmente, conferem valor aos capitais que reúnem e ao princípio da acumulação dos mesmos. Daí colocarem em relevo autores/obras que se prestem mais favoravelmente à não-disciplina/não-classificação disciplinar – isto é, ao escape e/ou à ultrapassagem de delimitações, base de constituição do espaço. O marxismo, igualmente, consiste num espaço promotor da reunião de portadores de *habitus* e referências disciplinares segmentadas – daí ser um dos seus princípios de apreciação das obras/autores o esboroamento das fronteiras. Ambos, neste sentido, não economizam em manifestos que denunciem os altos riscos da especialização disciplinar, questionam sistematicamente a delimitação delas e se concebem como espaços ilimitados<sup>10</sup>. Finalmente, ambos dispõem de notável capacidade de concentração e pulverização – tanto os pares das disciplinas de origem são impactados por sua presença (na medida em que disputam adeptos com correntes temáticas e teóricas) quanto as áreas avizinhas e os leitores cultivados em geral são atraídos por eles. Do ponto de vista temático, ambos apresentam

---

<sup>10</sup> Todos os exemplos textuais destacados na presente análise correspondem a gêneros inferiores (entrevistas, apresentações, homenagens, obituários, etc.) produzidos para situar, introduzir, induzir (tal como descrito anteriormente). Por este motivo, possuem *efeitos* na vida social que *conduzem* os potenciais leitores às grandes obras e ao espaço de leitura/leitores das mesmas. Neste sentido, a *entrevista* (trecho de André Botelho) e a *introdução* da alentada coletânea (Historia –geral- do marxismo, de Eric Hobsbawm), condensam os critérios de apreciação e de (in) definição de que são portadores os agentes no espaço. A título de esclarecimento, explicamos: *afirmar* a interdisciplinaridade consiste em valorizar os capitais reunidos no espaço de interlocução assim constituído. *Pesquisar* as condições gerais de possibilidade da interdisciplinaridade pressuporia também identificar as da disciplinarização. (Cf., entre outros: RENISIO, 2015; HEILBRON, 2015).

um gosto por autores/livros versando sobre recortes alargados no tempo e no espaço, apontando para *insights* sobre o presente imediato e com forte conotação política: formação do capitalismo, formação social brasileira, peculiaridade da modernidade periférica, etc. Há, em suma, convergência entre as práticas exercidas por marxistas e pelos especialistas em *PSPB* e, por isso, são potencialmente aliados em face de outros grupos<sup>11</sup>. Os intérpretes escolhidos pelos marxistas atestam essa aliança latente: o ranking deles, não sendo redutível à hierarquia autoral do *PSPB*, tampouco conflita com ela. Os autores eleitos pelos marxistas comparecem nas compilações do *PSPB* – embora nem todos os que as compõem constem na predileção dos marxistas<sup>12</sup>.

“Por quais autores/intérpretes do Brasil, você tem mais interesse?”<sup>13</sup>

Autor	Freq.	%
1. Florestan Fernandes (faixa 1)	145	22,9%
2. Caio Prado Júnior (faixa 1)	132	20,9%
3. Ruy Mauro Marini (faixa 2)	22	3,5%
4. Carlos Nelson Coutinho	21	3,3%
5. Celso Furtado	20	3,2%
5. Ricardo Antunes	20	3,2%
6. Antonio Candido	17	2,7%
7. Sérgio Buarque de Holanda	16	2,5%
8. Jacob Gorender	14	2,2%
9. Francisco de Oliveira	13	2,1%
9. José Paulo Netto	13	2,1%
10. Milton Santos	12	1,9%

Por um lado, o ranking permite caracterizar alianças dos marxistas no espaço acadêmico – como esboçado acima; e, por outro, acessar a lógica de suas práticas autorreferenciadas. Na impossibilidade de proceder às duas análises, nesta apresentação,

<sup>11</sup> A disciplina que possui em autores seu princípio estruturante e na leitura vertical/comentário especializado dos mesmos sua prática definidora é a Filosofia. Como não fazemos neste trabalho uma sociogênese dos intercâmbios entre disciplinas e espaços acadêmicos, não nos deteremos nisso.

<sup>12</sup> A título de exemplo, a recente organização da “Biblioteca Virtual do Pensamento Brasileiro”. Disponível em <http://bvspensamentosocial.icict.fiocruz.br/vhl/interpretes/> (última consulta 18/06/2016). Autores como Gilberto Freyre, Oliveira Vianna, decerto por suas posições políticas opostas à esquerda, encontram-se em todas as coletâneas de *PSPB*, porém não no ranking dos marxistas.

<sup>13</sup> A pergunta era aberta e permitia até três respostas. O ranking acima e a análise a seguir consideram apenas a primeira resposta. Como a noção de “intérprete” não tem o mesmo significado e peso em todas as áreas abarcadas na coleta das respostas, selecionou-se, dentre elas, aquelas que evidenciam mais proximidade na atribuição de sentido a este termo. Dos 988 respondentes, são contabilizados para este exame 632 (cuja área de formação são: Antropologia, Arquitetura e urbanismo, Ciências Sociais, Direito, Economia, Filosofia, Geografia, História, Letras/Linguística, Política, Sociologia). Apresenta-se o ranking com os 10 primeiros lugares, ponto em que as respostas dispersam-se num limite numericamente insignificante (menos de 2%). Vale assinalar que as diferenças observadas após a seleção destas áreas não atingem o topo do ranking, que sempre mantém o 1º e o 2º lugares tal como se apresenta nesta exposição.

optamos pela segunda – embora ela não autorize perder de vista a primeira. Eis o plano: investigar a *relação* entre as *propriedades relevantes* dos autores deste ranking e as *propriedades do espaço social* dos marxistas, com o objetivo de encontrar o *princípio gerador das respostas*. Os nomes de Florestan Fernandes e de Caio Prado Jr. concentraram-nas e elas se distribuem entre eles de modo equilibrado (respectivamente, 22,9% e 20,9%). A partir da faixa 2, o ranking apreende um fenômeno de outra natureza – evidente na distância porcentual entre o 2º e o 3º lugares; e na dispersão das respostas num total de 97 autores diferentes (considerando os 632 respondentes das disciplinas selecionadas), e no perfil dos mesmos (ver. Anexo 2 a, b, c). Sendo impossível tratar destas duas faixas, neste exame, consideramos os 277 indivíduos que colocaram Florestan Fernandes e Caio Prado Jr. no topo. A apresentação se divide em três partes. Em primeiro lugar, situa historicamente os autores da faixa 1, da perspectiva dos modelos predominantes de produção intelectual das ciências sociais e do marxismo brasileiros, discutindo os princípios de classificação e apreciação que orientaram os respondentes. Em segundo lugar, descreve sociologicamente os 277 respondentes. Finalmente, caracteriza a *relação* entre os dois pólos (respondidos/respondentes) e propõe uma explicação dela<sup>14</sup>.

### **Os respondidos: Castor e Polux.**

Os dois intérpretes favoritos dos marxistas *não* dispensam apresentação.

O primeiro colocado é Florestan Fernandes. Ele nasceu em 1920, na cidade de São Paulo, filho de Maria Fernandes, uma modesta imigrante portuguesa, jamais conheceu seu pai, viveu uma infância modestíssima, marcada por trabalho, mudanças de endereço e escolaridade bloqueada. O encorajamento recebido pelos fregueses que servia no Bar Bidu, localizado na Libero Badaró, levou-o a retomar os estudos e concluí-los no antigo Madureza. No ano de 1941, ingressou no curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP), que havia sido instituída há sete anos e ainda padecia da instabilidade dos jovens experimentos (ausência de sede, de alunos regulares, de regramento das titulações e da sucessão geracional, etc.). Ao concluir o curso, ele contraiu matrimônio

---

<sup>14</sup> Este caminho foi sugerido pela investigação de Charles Soulié (1995), a respeito dos fatores determinantes das escolhas por “autores” como temas de teses de Filosofia na França.

com Miriam Rodrigues, com quem teria seis filhos e viveria até o fim de sua vida. Tornou-se amigo do jornalista da *Folha da Manhã*, Hermínio Sacchetta, ex-militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), e então dirigente do PSR (Partido Socialista Revolucionário, de orientação trotskista), que o conduziu a efêmera militância – frequentou reuniões, assinou o documento da Coligação Democrática Radical em 1945, com o qual os trotskistas tomavam parte nas eleições daquele ano, e foi responsabilizado pelo trabalho de tradução/introdução do texto *Contribuição à Crítica da Economia Política* de Karl Marx, publicado pela editora do grupo, *Flama*. A limitação de tempo para cumprir suas tarefas como arrimo e pai de família, e acadêmico em vias de profissionalização, afastaram-no dos trotskistas. Tornou-se segundo assistente na cátedra de Sociologia II da FFCL-USP, a convite de Fernando Azevedo – cargo que ocuparia, ao lado de Antonio Candido, primeiro assistente, até 1952. Tornou-se mestre, em 1947, na Escola Livre de Sociologia e Política (instituída em 1933), com *A organização social dos Tupinambá*, e doutor, em 1951, na FFCL-USP, sustentando uma tese sobre *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*. Em seguida, tornou-se primeiro assistente da cadeira de Sociologia I da FFCL-USP, a convite de Roger Bastide, e com ele iniciou a pesquisa sobre relações raciais entre negros e brancos em São Paulo, encomendada pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco). Em 1953, ele se tornou livre-docente da mesma cadeira, após defender a tese *Ensaio sobre o método de interpretação funcionalista na Sociologia*. Com a partida de Bastide para a França, ele assume a regência desta cátedra e seus esforços se subdividem – além do trabalho de pesquisa propriamente dito, voltam-se à dificultosa negociação junto ao governo do Estado de São Paulo, para o estabelecimento de condições materiais que viabilizassem sua equipe, que tinha como núcleo os ex-alunos que participaram da pesquisa com ele e Bastide.

A partir de 1964, para blindar a cátedra da ingerência dos militares, que passaram a interferir na vida universitária, valendo-se das disputas internas a ela, o sociólogo estimulou a aceleração das titulações de sua equipe e ele próprio defendeu, insatisfeito, como tese de cátedra *A integração do negro na sociedade de classes*. Seus esforços foram parcialmente bem sucedidos. Por um lado, garantiram a manutenção de quadros formados por ele, quando, na esteira da reforma Universitária de 1970, a cadeira torna-se Departamento. Por outro, não venceram a intromissão política na débil autonomia universitária, e foi aposentado compulsoriamente em 1969, com tantos

outros. Os quinze anos em que regeu a Sociologia I coroaram uma carreira ascendente, e foram marcados pela investigação da transição da sociedade escravista para a sociedade de classes e pelo estabelecimento de parâmetros modernos para a Sociologia no Brasil – isto é: divisão do trabalho em equipe, hierarquia interna, coesão das concepções do *métier*, estratégias de concorrência profissional até então inéditas. Ademais, o comprometimento político, dele e do seu grupo, com a Campanha da Escola Pública conferiu-lhe visibilidade e deu ensejo a formulações a respeito do engajamento dos cientistas sociais – que, para ele, tinha esteio legítimo em suas competências específicas. Esta concepção direcionou a constituição do Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho (Cesit), em 1962.

Como muitos outros, entre os anos de 1964 e 1968, respondeu a Inquéritos Policiais Militares (IPMs), foi preso, atendeu a solicitações do Movimento Estudantil por todo o território nacional. Impedido de lecionar no Brasil, por causa da aposentadoria, passou três anos no Canadá, na Universidade de Toronto – período em que se dedicou à leitura da obra de Lenin. Ao voltar ao país, concluiu e publicou seus dois últimos livros de fôlego *A revolução burguesa no Brasil. Ensaio de interpretação sociológica* e *Circuito Fechado*. Se as atividades como militante e colaborador da imprensa já tinham sido desempenhadas por ele, sendo preteridas pela urgência de estabelecer-se em sua carreira profissional, e a de editor estava a serviço de sanar a escassez de traduções que dificultavam o ensino da Sociologia; nos anos setenta, o sentido assumido por estas atividades se inverteria. Ele atuou esporadicamente como docente e sistematicamente como editor, militante e publicista. A tentativa de reorientação da ação exprime-se, por um lado, no empenho em denegar seu passado *scholar*, embora não consiga abandonar o estilo acadêmico ascético que construiu para si próprio e para o espaço profissional; e, por outro, na insistente intervenção no mercado de leituras, tentando *fazer valer e conferir mais valor* a autores, obras e temas marxistas.

Desse modo, em 1977 foi *visiting scholar* da Universidade de Yale e ao retornar ao Brasil lecionou na pós-graduação na Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), a convite de D. Evaristo Arns. Os conteúdos não eram comandados pelas obrigações de outrora: um versou sobre a revolução cubana, outro sobre a natureza sociológica da sociologia. Enquanto editor, trabalhou na Ática e na Hucitec. Na primeira, coordenou a coleção Grandes Cientistas Sociais (editada entre 1978 e 1990); na segunda, a coleção

Pensamento Socialista (editada entre 1978 e 1994). Em ambas trabalhou para colocar em circulação autores cujo pertencimento ao marxismo, particularmente oriental/não ocidental é incontornável. A primeira coleção, segmentada por disciplinas, é composta por volumes que reúnem excertos de autores clássicos. A seleção observada na disciplina “Política” chama atenção: tratam-se de *dirigentes* (políticos em geral, e particularmente do movimento comunista) *transformados* (pelas introduções dos comentadores e pela edição na coleção) em *autores*<sup>15</sup>. A mesma tentativa de colocar-se a serviço do espaço político com os recursos intelectuais, simbólicos e sociais que angariou no espaço científico, observa-se na coordenação de Pensamento Socialista – que previa três séries: “Clássicos”; “Debate contemporâneo” e “Linha de Frente”. A publicação dela foi dispersa no tempo e menos bem-sucedida que a anterior. Do mesmo modo, o periodismo cultural e político, assim como a imprensa alternativa documentam a intenção da reviravolta. Ele animou as efêmeras revistas *Debate e Crítica* (1973-1975) e *Contexto* (1976-1978) – ambas pela Hucitec – e colaborou com *Leia Livros, Voz da Unidade, Nova Escrita Ensaio, Opinião, Movimento, Senhor, Senzala, Folhetim*. A partir de 1983, tornou-se colunista semanal da *Folha de S. Paulo*. Sua entrada no Partido dos Trabalhadores ocorreu apenas em 1986 – diferentemente do conjunto dos intelectuais, cuja tendência foi se distribuir no novo quadro partidário já entre 1978-1982 – e tinha um objetivo preciso: candidatar-se a deputado constituinte. Ele foi eleito duas vezes: em 1986, com 50.025 votos; e em 1990 com 27.676 votos – mas jamais deixou de ser chamado de “professor”. Na qualidade de deputado constituinte, integrou a Subcomissão de Educação, Cultura e Esportes. Adoentado há algum tempo, em 10 de agosto de 1995, faleceu em São Paulo, vítima de um erro médico, em operação de transplante de fígado realizada no Hospital das Clínicas.

O segundo colocado no *hit-parade* apresenta um percurso regido por dinâmica inteira e rigorosamente inversa à do primeiro.

O terceiro dos quatro filhos de Caio da Silva Prado e Antonieta Penteado da Silva Prado, herdeiro de uma das mais importantes famílias da burguesia cafeeira, Caio Prado Jr. nasceu em 1907, em São Paulo. Ele recebeu a educação dos homens de sua classe: alfabetização com professores particulares, viagem familiar a Inglaterra, para

---

<sup>15</sup> São eles: Lenin; Engels; Che Guevara; Trotski; Nabuco; Mariategui; Isaac Deutscher; Joseph Stalin; Mao Tse-Tung; Domingo Faustino Sarmiento; Simón Bolívar; Ho Chi Minh; Pierre-Joseph Proudhon; Fidel Castro. A análise completa da coleção não é cabível no presente trabalho.

cuidar da saúde de seu irmão, ocasião em que estudou no colégio Chelmsford Hall, em Eastborn. Naturalmente, bacharelou-se na Faculdade de Direito do Largo São Francisco (1924-1928) e uma vez formado, contraiu o primeiro de três matrimônios que teria ao longo da vida: com Hermínia Ferreira Cerquinho (1928), Helena Maria Nioac (1942) e Maria Cecília Naclério Homem (1974). Trabalhou por pouco tempo no escritório de advocacia de Abraão Ribeiro, ingressou no Partido Democrático (PD), dissidência das elites dirigentes paulistas, que até então encontravam canais sucessórios no Partido Republicano Paulista (PRP). Como militante do PD, tomou parte na Revolução de 1930, engajado na “Delegacia Revolucionária de Ribeirão Preto” (por 3 meses), apurando erros e desvios do regime anterior. Entre 1931 e 1932, rompeu com o PD e aderiu ao Partido Comunista. Diferentemente de muitos amigos, não se envolveu na Revolução Constitucionalista de 1932. Dois anos depois, estabelecida a FFCL-USP, ele se inscreve nela e tece vínculos de amizade com membros da missão francesa que a inaugurou, criando a Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), com Pierre Deffontaines. Assiste casualmente às aulas, dividido entre elas e seu engajamento no comunismo. Em 1935, assumiu a vice-presidência regional da Aliança Nacional Libertadora (ANL), agrupamento de diversas forças que se opunham ao governo de Getúlio Vargas. Nessa função, realizou viagens, palestras, comícios, organizou diretórios, redigiu artigos e o próprio *Programa da Aliança Nacional Libertadora* – publicados, sobretudo, pelo diário paulistano *A Plateia*, do qual foi um dos diretores. No final de novembro, a ANL leva a cabo uma insurreição armada em Natal, Recife e Rio de Janeiro, cujo fracasso dá ensejo à repressão política, culminando em estado de sítio, prorrogado até 1937. Nesta ocasião, é preso por dois anos e, uma vez solto, exila-se por outros dois na França – tirando proveito para viajar pela Europa, e, como de hábito, redigir relatos das viagens. Em seu retorno, afrouxa a militância no PCB, que estava sob coação varguista. Dedicase a viagens pelo país, escreve sobre elas, retoma os vínculos com o geógrafo Pierre Monbeig, escrevendo *Nova contribuição para a geografia urbana da cidade de São Paulo*, constroi em Campos do Jordão a chácara Jurupeva, e publica, em 1942, sua obra mais importante para a historiografia, em moroso ritmo de modernização em São Paulo: *Formação do Brasil Contemporâneo: colônia*, dedicada à segunda esposa.

No ano seguinte, funda a editora Brasiliense. Os rearranjos da esfera política, entrevistados com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial contra o Eixo, têm efeitos no pólo dominado do mesmo. Os comunistas convocam a 2ª Conferência

Nacional (“Encontro da Mantiqueira”), em que é definida a linha segundo a qual se deveria, em nome da ‘união nacional’ e da luta contra o nazifascismo, apoiar Vargas. As discordâncias de Caio Prado Jr., a respeito disso têm condições objetivas de se desdobrar em um rompimento partidário: a “Divergência Paulista”, defensora da oposição a Vargas e amimadora dos “Comitês de Ação”, em que ele toma parte. Entrementes, Luiz Carlos Prestes, então secretário-geral do partido, ainda preso, decide a favor da posição “da Mantiqueira” e Caio Prado Jr. obedece-o, enquanto outros consumam a ruptura com o PCB. De todo modo, sua *posição* no espaço social possibilita a circulação entre anti-varguistas – sejam liberais ou comunistas. Daí manter-se no PCB, mas auxiliar na organização da União Democrática Nacional (UDN), ser designado membro da Comissão Política do I Congresso Brasileiro de Escritores e redator de sua “Declaração de Princípios”, defendendo o retorno ao estado de direito, o sufrágio universal, e o exercício da soberania popular.

O fim do Estado Novo e a volta à legalidade do PCB possibilitaram que se candidatasse a Deputado Federal Constituinte. Não se saiu bem e permaneceu na esfera cultural, tirando proveito de seu capital social e econômico, convertidos continuamente em capital simbólico: editando, publicando, palestrando, viajando e investindo no associativismo político-cultural. Em 1947, candidatou-se e foi eleito, tornando-se deputado estadual, no mesmo ano em que seu pai faleceu e ele assumiu a administração dos bens familiares. Chegava, enfim, à prática para a qual se educou e se preparou. Indícios irrefutáveis disso: suspende a preciosa redação de seus diários políticos, deixa-se absorver inteiramente pelas tarefas, apresenta numerosas emendas ao projeto de Constituição estadual de 1947, elabora detalhados projetos de lei, atentos às necessidades infra-estruturais da ciência e da cultura. O gozo da prática seria breve. O cancelamento do registro do PCB implica a cassação de seu mandato em 1948 e um ligeiro encarceramento, novamente sucedido por viagem a Europa. Em seu retorno, começa intensos estudos de Economia e Filosofia, publica *Dialética do conhecimento* (1952), livro que lhe rende prêmio do Instituto Brasileiro de Filosofia – como se sabe, patrocinado pelos juristas-filósofos de direita, com inclinações integralistas, em torno de Miguel Reale: episódio em geral ignorado nas biografias, é mais um entre tantos indicadores da decalagem entre meio social e tomada de posição política, no centro de de seu percurso. Em 1954, sua mãe falece, ele funda a gráfica Urupês, e defende a tese *Diretrizes para uma política econômica brasileira*, no concurso para a Cátedra de

Economia Política, da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Derrotado no concurso, ganha o título de livre-docente.

Em 1955, ano seguinte a estes dramas pessoais e à efeméride coletiva do suicídio de Vargas, ele lança a *Revista Brasiliense (RB)*. Situando-a do ângulo das relações entre cultura e política em São Paulo, face à polarização varguistas x antivarguistas, encontra-se ao lado dos segundos – e próxima, portanto de *Anhembi*. Entretanto, distancia-se ideologicamente desta última, por ela ser “entreguista” e a *RB*, “nacionalista”. *RB*, em seu “Manifesto de Fundação”, apresenta-se como orientada pela “independência” de seus redatores e colaboradores. Embora fossem eles predominantemente membros do PCB, ela não pode ser considerada veículo dele, pois é destituída *tanto do amparo quanto do controle* da imprensa oficial partidária. Tampouco *RB* vocaliza pretensões de alguma facção em disputa interna pela direção. Seus idealizadores apresentam resignação face à marginalização no partido e não desencadeiam rupturas por causa de opiniões políticas que divirjam das teses oficiais. A *RB* reúne “intelectuais sem expressão que gravitam em torno de Caio Prado Jr.” e a produção da cadeira de Sociologia I da USP, sobretudo depois de 1961, quando *Anhembi* se encerra e Florestan Fernandes e equipe passam a escoar seus textos menos acadêmicos e mais engajados para a *RB*. É neste íterim que Caio Prado Jr. aproxima-se da FFCL participando de bancas avaliadoras junto às Ciências Sociais, nelas emparelhando, por vezes com Sergio Buarque de Holanda – que logo manifestará a intenção de que ele o sucedesse na cátedra de História da Civilização Brasileira. De todo modo, o mundo de *RB* é “o das letras e não o da política” (LIMONGI, 1987). O programa político que se extrai de suas teses é “tão inacessível e indefinível quanto o limbo” (idem), posto que delimitada pela oposição pontual às tomadas de posição mais sedimentadas (ainda que opostas – PCB x *Anhembi*). Contudo, este programa gelatinoso é catapulta do mentor e dos amigos da *RB*, com a reviravolta suscitada pelo golpe civil-militar de 1964. Conspícuo exemplo: o sucesso do livro *A revolução brasileira* de Caio Prado Jr., compilação de ideias já publicadas repetidas vezes na *RB* e costuradas em livro pela responsabilização do PCB por sua própria derrota. Não por acaso, a obra confere a Caio Prado Jr., em 1967, o prêmio Juca Pato de “Intelectual do ano”.

Como tantos outros, em 1968, ele foi indiciado por um IPM – por ter concedido uma entrevista que incitava à subversão da ordem. Ele foge do Brasil, por Iguassú, e obtém asilo no Chile, mas logo retorna e apresenta-se a julgamento, que o condena a quatro anos de prisão. É recolhido à Casa de Detenção Tiradentes, onde ficou preso por

um ano e após novo julgamento, é absolvido. Está preso quando falece seu filho, Roberto Nioac Prado. Depois disso, e durante a ditadura militar, Caio Prado Jr. recolhe-se da vida pública, casa-se pela última vez e segue reeditando seus textos. No início dos anos 1980, seu isolamento se intensifica, e, adoecido, vítima de mal de Alzheimer, falece em 23 de novembro de 1990, em São Paulo, aos 83 anos de idade<sup>16</sup>.

A cidade de São Paulo une e segrega a dupla. Os dois itinerários são condicionados pela intensa mobilidade promovida pelas transformações econômicas que nela se processaram, assim como pelo espaço cultural resultante das mesmas, em particular, o sistema universitário e os vasos comunicantes que o ligam ao (pólo dominado do) sistema partidário (periódicos, associações e editoras). O exame evidencia uma sistemática inversão de posições no que tange a seus pontos de partida; os círculos que os aproximaram e nos quais eles privaram de amizade encobrem a distância originária e os caminhos opostos que os conduziram a tal encontro.

A trajetória social e o conjunto da obra de Florestan Fernandes são inteiramente dependentes das oportunidades de mobilidade ascendente da cidade e têm como epicentro a construção da nova disciplina (Sociologia), constituída no experimento universitário, de que o jovem modesto foi artífice e resultado. Por conta das constrictões destacadas, a militância partidária não é *definidora* das escolhas iniciais que o conduzem da fase de indeterminação ao envelhecimento social e tampouco encoraja a fatura dos livros de maior escopo. Ao contrário. Seu engajamento na esfera política (trotskismo nos anos 1940; PT nos anos 1980) só é possível na fase de indeterminação no início do percurso e na de afrouxamento dos compromissos no final dele. Já a trajetória social e o conjunto da obra de Caio Prado Jr. dependem de seus capitais econômicos e sociais familiares. O leque dos possíveis aberto durante a fase de indeterminação tem as balizas dos destinos previstos aos homens de sua classe. Não surpreende que se oponha ao PRP, indo para o PD, tampouco que coloque a serviço de sua nova identidade política todos os recursos de que dispõe, a partir do ingresso no

---

<sup>16</sup> A segmentação da bibliografia em dois tipos, a exemplo do que se constatou no caso da história do marxismo, também é válida para os dois autores em questão. Desse modo, a exposição seguiu as análises que se distinguem das “sociodiceias” elaboradas pelos grupos que se identificam com eles. No caso de Florestan Fernandes, reproduz-se o argumento da análise de PONTES (1998) e ARRUDA (1995), ao tratar de seu papel da institucionalização da sociologia moderna e de RODRIGUES (2016), ao tratar de suas relações com o marxismo. Para o caso de Caio Prado Jr., optamos por tratá-lo à luz do enquadramento explicativo proposto por MICELI (2000), pois embora haja uma variação no “recheio” documental, a bibliografia disponível estabelece o sentido biográfico pela personificação de sociodiceias dos grupos que o biografam (geógrafos, historiadores, marxistas, comunistas).

PCB (ser marxista/ importar livros raros e não traduzidos, analisar o Brasil com a teoria marxista, viajar ao leste; ser comunista/obediência, disciplina). Atente-se que o recrutamento social do PCB, entre 1922-1964, colide menos com o perfil sociológico de Caio Prado Jr. do que faz imaginar a *sociodiceia* do grupo personificada nele (RODRIGUES, 1996) – isto é, uma combinação excepcional entre ruptura de classe, obediência partidária e criatividade intelectual<sup>17</sup>. Como muitos, entre 1920-1945, ele padeceu da perda das oportunidades reservadas aos dirigentes em tempos pretéritos, reviravolta na base de seus investimentos econômicos (gráfica Urupês, editora Brasiliense) e simbólicos, no mundo editorial (as viagens ao exterior e ao interior do país largamente noticiadas, a edição de si próprio). Inicialmente, os temas de Caio Prado Jr. são os da elite dirigente paulistana (baixo nível cultural da população, geografia de São Paulo, período colonial – bem rente àqueles de que se ocupavam os antigos Institutos Histórico-Geográficos). Uma vez que ingresse no PCB, *seus temas são os do partido* (feudalismo, revolução brasileira e formação do capitalismo, relações de trabalho no campo). A escolha temática é o indicador mais irrefutável do espaço que orienta o agente: que suas teses sejam contrárias às oficiais do PCB tem por pressuposto que trate dos mesmos assuntos que ele. Não é casual que seu ingresso no PCB seja marcado pela publicação de *Evolução política do Brasil* (publicada em 1933, aos 26 anos) – livro dirigido a um público restrito, não acadêmico, em que o substancial de suas “críticas ao partido” já é defendido<sup>18</sup>. A *posição* que constroi em seu ingresso partidário é a mesma na qual permanece ao longo do tempo, variando apenas o *valor* político e simbólico dela, resultado do contínuo investimento nela e da cambiante cotação de conjuntura.

Ao contrário de Florestan Fernandes, que esporádica e pontualmente se vincula ao mundo da política (no início e no fim da trajetória), abandonando-o, quando instado a escolher; Caio Prado Jr. circunstancialmente se dedica por inteiro a grandes obras e ao investimento em carreira universitária, sempre preteridos pela vida político-partidária. Não por acaso, a obra que o introduz nas leituras dos historiadores profissionais é

---

<sup>17</sup> A sociogênese desta personificação e as origens da formulação dela são tratadas nas seções seguintes.

<sup>18</sup> Florestan Fernandes, em contrapartida, afirma: “Não adiantava nada eu querer ser militante de um partido comunista e depois estar em choque com ele” (FERNANDES, 1981). Ainda que possa ser entendida como uma denegação das condições materiais de sua denegação da esfera política, toda a distância de Caio Prado Jr. fica aí sumariada. Não surpreende o investimento de Florestan no gerenciamento conjunto de identidade que fará no fim da vida, ligando-se a Caio Prado Jr. (cf. última seção).

concebida num momento de refluxo de sua militância partidária. Uma vez retomada as condições de envolvimento nela, é em detrimento da atividade criativa intelectual que se ancora no trabalho político e de editor. Além de inteiramente independente do experimento universitário – única chance de sucesso de Florestan Fernandes e de tantos outros – ele foi um fidedigno militante do Partido Comunista Brasileiro, com o qual jamais rompeu objetivamente. As divergências eram reservadas ao plano das ideias. E se a fração mais divulgada de sua obra é conhecida pelas teses contrárias àquelas que davam suposto embasamento à estratégia do partido, obviamente esta “tensão” é indissociável do prestígio haurido em vida e da longevidade simbólica de seu nome, entre intelectuais progressistas. Este enquadramento torna pouco surpreendente sua fidelidade ao partido. Ora, quando a possibilidade de ruptura apresenta-se objetivamente (episódio de 1943-45), Caio Prado Jr. manteve-se nele e uma recompensa pequena chega a obter, posto que se elege posteriormente.

A sintonia de agenda temática com o pólo político corresponde ao óbvio desencontro com a produção concomitante do pólo acadêmico, evidentes na decalagem entre a orientação que Caio Prado Jr. imprimia a seus esforços e as oportunidades de ingresso no corpo docente da USP – o concurso de 1954, para a cadeira de Economia Política, no Direito, em que apresenta *Diretrizes para uma política econômica brasileira*; e a expectativa de substituição de Sergio Buarque de Holanda, em concurso que não se realizou em 1968. No primeiro lance, ele estava mergulhado em Filosofia, sintonizado com o IBF (como atesta o prêmio); no segundo, situava-se a 26 anos de publicação de seu livro mais importante para a historiografia, do qual os demais são desdobramentos com acento mais normativo que analítico – em rota de colisão com o que se produzia em historiografia moderna naquela instituição que concorrerá, paradoxal mas compreensivamente, ao longo do tempo para consagrá-lo, a FFCL-USP. Os vínculos mais estreitos que o unem ao espaço científico são as atividades conjuntas com alguns artífices de disciplinas (viagens e publicações com Monbeig, bancas com a Sociologia I) e a renovação intelectual da historiografia e das Ciências Sociais que o incorpora no rol das leituras obrigatórias a partir da publicação de *Formação do Brasil contemporâneo*. De modo simples: ele se liga ao sistema universitário *como autor* e não como professor ou pesquisador profissional<sup>19</sup>. A esfera política, por todas as

---

<sup>19</sup> Diferentemente da Sociologia, a Historiografia consiste em disciplina cuja modernização foi mais lenta por conta da tradição da prática, da ancoragem institucional dela e do sentido político que possui junto à constituição do Estado Nacional. Os desdobramentos destas histórias disciplinares, quase inteiramente

construções de sua posição no espaço social mais amplo, é aquela que apresa Caio Prado Jr. As evidências permitem afirmar que ele é comandado pela militância e não por uma agenda de pesquisa nutrida entre pares de uma disciplina científica. Em suma, inversamente a Florestan Fernandes, o espaço político *define* sua trajetória, *orienta* sua ação, *encoraja* e *baliza* sua produção intelectual <sup>20</sup>.

Entre a mobilidade/estabilidade da posição social, as práticas definidoras das trajetórias e teses políticas/acadêmicas defendidas, o nexos de sentido é salutar. Enquanto Florestan Fernandes é editor e parlamentar no final de sua vida (no seu primeiro mandato tem 66 anos), quando exerce de modo não sistemático a docência e já não mais pesquisa; Caio Prado Jr. vai ao parlamento no auge de sua maturidade (é eleito aos 40 anos). De modo sintético, pode-se afirmar que eles tornaram-se agentes do espaço de intersecção entre universidade/partido – a “cultura política” (edições e periodismo), propriamente dita – como desdobramento de sua expulsão do espaço institucional para o qual orientaram sua formação e ação: Florestan Fernandes, após a aposentadoria compulsória em 1969, e Caio Prado Jr. após a cassação de seu mandato parlamentar em 1948. O sistema das inversões assinalado encontra-se também em suas obras – tanto em separado como se vistas comparativamente. Caio Prado Jr. defende o substancial de suas “críticas ao PCB” já em *Evolução política do Brasil* – o Brasil não é feudal – sendo ela pontualmente desdobrada em “questões” (questão nacional,

---

opostas (História com âncora no século XIX e a Sociologia moderna, como novidade) nas trajetórias é patente. Florestan Fernandes vem de meio externo às elites e esteve à frente da constituição das condições institucionais de exercício da disciplina (princípio de seleção da equipe, financiamento dela, disputas por espaço, etc). Já no caso da Historiografia, a modernização do *métier* é realizada num tempo distendido, por agentes da elite dirigente em descenso, com pouca renovação na morfologia social – os remanescentes intelectuais das vanguardas em retrocesso são os arautos da Historiografia universitária (MICELI, 2012). Seria apressado e equivocado decretar que os ligeiros seis anos de docência de Sergio Buarque de Holanda na cátedra de História da Civilização Brasileira equivaleria ao trabalho de Florestan Fernandes na cátedra de Sociologia. A primeira geração de catedráticos brasileiros em História naquela instituição tinham origem ou da Faculdade de Direito do Largo São Francisco ou do Instituto Histórico-Geográfico de São Paulo (SCHWARCZ, 1989; RODRIGUES, 2013). Finalmente, uma observação. Não dispomos de tempo e espaço, porém, é incontornável recomendar a leitura de *O estruturalismo de Lévi-Strauss e o marxismo de Louis Althusser*, de Caio Prado Jr. Trata-se, como efeito, do documento cabal da decalagem acima mencionada entre espaço político-partidário de interlocução e espaço acadêmico/científico.

<sup>20</sup> Numerosos indicadores de pormenor, comprobatórios do esquema, poderiam ser enumerados. Por exemplo: as fontes primárias de capital social (Florestan depende de seus alunos e dos professores estrangeiros; já Caio Prado Jr. apoia-se na família, incluindo aí remanescentes do modernismo); as circunstâncias diversas das prisões e liberações de ambos, bem como o momento delas em suas carreiras; as alternativas que podiam dar à marginalização em suas instituições de formação/orientação; a orientação impressa às grandes e às pequenas obras, às disciplinares e às extra-disciplinares, segundo os públicos (acadêmico, político ou ampliado) a que se dirigiram; o perfil sociológico dos rivais e aliados; a frequência, a motivação e o uso social das viagens ao exterior e dos exílios.

revolução brasileira, questão agrária) repetidas à luz da conjuntura política, da publicação e republicação de outros textos. Já Florestan Fernandes é indelevelmente marcado pela ruptura no plano de suas convicções frustradas. Suas esperanças políticas, na maturidade intelectual, dirigiam-se ao estabelecimento da ordem social competitiva e no papel civilizador e progressista que ela poderia ter face à herança estamental escravista – tanto para as elites quanto para as camadas pauperizadas. Estas convicções vão lhe parecendo desfaçatez no fim dos anos 1960, e a reviravolta nelas é o élan do último livro de fôlego, *A revolução burguesa no Brasil* –em que sustenta que somente a revolução socialista poderia realizar as tarefas civilizadoras da modernidade na periferia do capitalismo. É esta a tese que repetirá de modos variados em textos menores e de análises de conjuntura até os anos 1990. Em suma, a trajetória ascendente de Florestan implica rotações de posição face ao espaço eleito e às teses que defende (modernidade / revolução socialista); a trajetória de declínio remendado de Caio Prado Jr. é esteio da reposição das posições tanto junto ao espaço (político/PCB) quanto das teses que sustenta, repetidamente. Esta guinada de obra/trajetória/teses de Florestan alcança-o com mais de 50 anos; já a rotação (do PD/liberal ao PCB), no caso de Caio Prado, ocorre aos 26 anos. A reposição das posições (sociais/teses) e a reviravolta delas são a contrapartida dos pontos inversos de início de percurso corporificados, de um lado, na segurança, certeza, estabilidade de um; e, de outro, e nas rotações sôfregas, na virada e realização tardia.

É igualmente indispensável localizá-los do ângulo da história das ciências sociais e do marxismo brasileiros<sup>21</sup>.

Florestan Fernandes e Caio Prado Jr. situam-se numa etapa de transição entre dois modelos predominantes de trabalho. A fase criativa de suas vidas produtivas (1942-1964) processa-se em período no qual ocorre o lento ocaso dos polígrafos e ensaístas, autores de grandes diagnósticos sobre o país, destituídos de base empírica, remunerados

---

<sup>21</sup> A presente pesquisa *não ignora* as polêmicas a que deu origem o projeto de História das Ciências Sociais Brasileiras, coordenado por Sergio Miceli (2001); *parte* das pesquisas aí acumuladas, na medida em que são úteis para o exame do caso em questão, e *prefere* esta atitude ao alardeio das tomadas de posição *ad hoc*. Esta nota pretende evitar mal-entendidos. Por ocasião da submissão de artigos, alguns pareceristas cobraram-nos “balanços bibliográficos”, em que se “tomasse posição” a respeito de “controvérsias que ignoramos”. Tais balanços são incabíveis em 20-30 páginas que tenha por propósito apresentar análises, como é o do caso texto. Não discutir, neste texto, tais “polêmicas” não significa desconhecê-las.

pelo periodismo e bacharelados pelos cursos clássicos (de engenharia, medicina e direito) *pari passu* à emergência dos profissionais, que rejeitam o amadorismo, são formados segundo cânones de uma disciplina científica, no interior da qual se especializam, orientados por temáticas circunscritas de investigação. Desse modo, ambos apresentam obras com uma identidade disciplinar inequívoca. Florestan Fernandes é arauto da moderna Sociologia brasileira e Caio Prado Jr., da historiografia. Pondere-se que no caso do segundo, seu protagonismo ocorre por delegação – é introduzido como *autor* no repertório da historiografia moderna; não como professor da matéria. E, no entanto, fração importante do conjunto de suas obras acena para áreas circunvizinhas: o primeiro trabalhou em pesquisas de Antropologia e arriscou-se na Política; Caio Prado Jr., na Economia e na Filosofia. Esta conciliação do que poderia parecer dois vetores opostos – a delimitação e ultrapassagem disciplinar – é encontrada em percursos que tiveram ativa e intensa participação na referida rotação. Não por acaso, os trabalhos que borram a identidade disciplinar da qual Florestan Fernandes foi artífice situam-se nas fases iniciais (de indeterminação de percurso) e nas finais (em que os compromissos da saga da fase madura se afrouxam). Ademais, sublinhe-se que esta localização explica parcialmente a destacada posição que ocupam entre os autores mais incensados do PSPB e do marxismo: prestam-se aos esforços destas áreas por modificar as cotações de mercado das trocas científicas, aumentando suas chances de lucro, pela valorização do produto não-disciplinar. Em suma, se eles foram, histórica e objetivamente, referências de trabalho das disciplinas modernas – Florestan Fernandes diretamente e Caio Prado Jr. por delegação – a longevidade simbólica deles é seletiva e depende da fração da trajetória/obra que corresponda ao esboroamento das delimitações: não é *toda* a produção dos eleitos que corresponde às ao dos eleitores.

Do ponto de vista do marxismo brasileiro, os autores situam-se na etapa em que ocorre sua sedimentação na cultura científica, cultural e artística. A segmentação do marxismo, vigente durante o período da vida produtiva deles, seguia princípios da esfera política, isto é: comunistas, trotskistas, socialistas. A hodierna estruturação ainda não diferenciava os subgrupos – isto é: althusserianos, gramscinianos, lukacianos. É ela um dos pontos culminantes do “processo de intelectualização” referido (RODRIGUES, 2016b). Florestan Fernandes e Caio Prado Jr. são agentes dele, cada qual a seu modo. A qualificação desses modos próprios pressupõe uma atenção rigorosa voltada às relações

entre o sistema partidário e o sistema universitário, na cidade de São Paulo. Se elas são cambiantes no arco temporal em tela, é possível observar a direção das transformações: o trabalho intelectual que vai tomando fisionomia no segundo é crescentemente valorizado em detrimento daquele produzido pelo primeiro. A demonstração desta tendência pressupõe a caracterização do intercâmbio constituído por grupos/agentes em circulação constante e pertencimento simultâneo (ou exclusivo) às instituições estruturantes do espaço do marxismo (partido/universidade). As trajetórias dos autores são estratégicas para realização deste desiderato. É que o período em questão assiste à crescente ancoragem do marxismo entre grupos universitários, que aos poucos constroem um desnível e transformam o marxismo partidário em panfletário, amador e impotente (RODRIGUES, 2016b). Ademais, enquanto Florestan Fernandes é artífice de um novo modelo de trabalho intelectual profissionalizado; Caio Prado Jr. é protagonista de um novo modelo de militante comunista – ambos inéditos no cenário partidário/universitário em que atuam. O sociólogo, com posição central no sistema universitário e marginal no sistema partidário, cria condições para a introdução da leitura de Karl Marx/marxistas, subordinada às normas científicas (RODRIGUES, 2016a) – ainda que ao cabo de seu percurso valorize autores na contramão do “marxismo ocidental” que auxiliou a construir. O historiador, marginalizado dentro do sistema partidário e crescentemente incensado pelo sistema universitário, torna-se modelo de excelência pela combinação única de ruptura com a própria classe, obediência partidária e inovação intelectual.

A composição do topo do ranking é homóloga à heterogeneidade social de seus eleitores. Como eles, os autores têm origens nos extremos da estratificação social. A alquimia das trocas simbólicas propicia a denegação sistemática do princípio de identificação coletiva desta escolha, por meio da refração das propriedades sociais mais relevantes no meio. A segunda parte do presente trabalho demonstra-o por meio da morfologia dos respondentes. A terceira, por meio das representações das trajetórias eleitas compartilhadas no ambiente dos marxistas.

### **Os respondentes.**

Dos 277 respondentes que elegeram Florestan Fernandes e Caio Prado Jr., 204 são homens e 73 são mulheres (respectivamente, 73,6% e 26,3%). Esta fração

“O dr. Caio Prado serve como uma espécie de ‘bandeira’ para essa Aliança Caio Prado, no meio intelectual, é um elemento considerado como L. C. Prestes para os comunistas. Por isto, os dirigentes da Aliança Democrática Popular puzeram-no à frente da luta. Talvez o dr. Caio Prado será o elemento que vai coligar todas as Esquerdas do Brasil”. Documento do DEOPS, 03/04/45. (Apud, IUMATTI, 1998, p. 31).

corresponde, com ligeira diferença em favor dos homens, à mesma observada no conjunto total dos 988 (61,2%, do sexo masculino, e 38,8%, feminino), assim como dos 632 selecionados para este escrutínio (72,3% e 27,6%). Apesar de variarem os critérios seletivos aplicados à população, mantém-se a proporção em torno de 3/1 homens/mulheres. A tendência a reproduzir a distribuição percentual da população total também se observa nas faixas etárias. Como o total de respondentes, os eleitores de Florestan Fernandes e Caio Prado Jr. concentram-se entre 26 e 55 anos:

Distribuição dos 277 eleitores de Florestan Fernandes e Caio Prado Jr. (disciplinas selecionadas).			Distribuição dos 988 respondentes, conjunto total.		
Faixa etária	Freq.	%	Freq.	%	
Até 25 anos	24	8,7%	86	8,7	
De 26 a 35 anos	119	<b>43,0%</b>	426	<b>43,1</b>	
De 36 a 45 anos	73	<b>26,4%</b>	211	<b>21,4</b>	
De 46 a 55 anos	43	<b>15,5%</b>	181	<b>18,3</b>	
De 56 a 65 anos	12	4,3%	65	6,6	
De 66 a 75 anos	4	1,4%	16	1,6	
Acima de 76	2	0,7%	3	0,3	
Total	<b>277</b>	<b>100,0%</b>	<b>988</b>	<b>100</b>	

No que concerne às origens dos respondentes, a profissão e a escolaridade dos pais são tomados como indicadores simples do capital econômico e cultural de origem. Eles são apresentados abaixo, considerando a fração em exame e o conjunto dos respondentes. A tendência a reproduzir a distribuição percentual da população também se observa nestes indicadores.

Profissão	<i>Pai</i>		988		<i>Mãe</i>		988	
	277/632		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Trabalhadores rurais	17	6,1	69	7,0	8	2,9	27	2,7
<b>Profissionais de educação básica</b>	12	4,3	37	3,7	57	<b>20,6</b>	184	<b>18,6</b>
Profissionais de nível médio	24	8,7	71	7,2	18	6,5	66	6,7
<b>Trabalhadores do comércio ou serviços (escolaridade média)</b>	54	<b>19,5</b>	178	<b>18,0</b>	19	6,9	58	5,9
<b>Profissionais de nível superior</b>	69	<b>24,9</b>	262	<b>26,5</b>	48	<b>17,3</b>	196	<b>19,8</b>
Profissão não identificável (serviço público)	9	3,2	29	2,9	5	1,8	19	1,9
Trabalhadores industriais qualificados e semiquilificados	13	4,7	37	3,7	2	,7	4	,4
Trabalhadores do setor de transporte	18	6,5	49	5,0	-	-	-	-
Trabalhadores industriais de baixa qualificação	2	,7	16	1,6	2	,7	8	,8
<b>Outros trabalhadores sem exigência de escolaridade</b>	2	,7	15	1,5	94	<b>33,9</b>	327	<b>33,1</b>
Trabalhadores manuais especializados e artesãos	25	9,0	80	8,1	11	4,0	58	5,9
Professores do ensino superior	5	1,8	18	1,8	3	1,1	8	,8
Trabalhadores em segurança (PM, bombeiro, vigilante)	7	2,5	47	4,8	1	,4	2	,2
Trabalhadores da construção civil	5	1,8	21	2,1	-	-	-	-
Empresários com baixa escolaridade	11	4,0	4	,4	5	1,8	10	1,0
Outros	-	-	30	3,0	-	-	2	,2
Não responderam	4	1,4	25	2,5	4	1,4	19	1,9
Total	<b>277</b>	<b>100</b>	<b>988</b>	<b>100</b>	<b>277</b>	<b>100</b>	<b>988</b>	<b>100</b>

Escolaridade	Pai				Mãe			
	277/632		988		277/632		988	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Analfabeto (Faixa 1)	5	1,8	26	2,6	4	1,4	17	1,7
<b>Ensino fund. incompleto (Faixa 1)</b>	78	<b>28,2</b>	257	<b>26,0</b>	64	<b>23,1</b>	224	<b>22,7</b>
Ensino fundamental completo (Faixa 1)	25	9,0	87	8,8	29	10,5	100	10,1
Ensino médio incompleto (Faixa 1)	9	3,2	49	5,0	13	4,7	49	5,0
<b>Ensino médio completo (M)</b>	52	<b>18,8</b>	167	<b>16,9</b>	56	<b>20,2</b>	210	<b>21,3</b>
Superior incompleto (Faixa 2)	10	3,6	54	5,5	13	4,7	55	5,6
<b>Superior completo (Faixa 2)</b>	70	<b>25,3</b>	249	<b>25,2</b>	73	<b>26,4</b>	237	<b>24,0</b>
Pós-graduado (Faixa 2)	26	9,4	92	9,3	24	8,7	91	9,2
Não sei / Não conheci meu pai	2	,7	19	1,9	1	,4	5	,5
Total	<b>277</b>	100,0	<b>988</b>	100,0	<b>277</b>	100,0	988	100,0

As propriedades sociais reunidas no topo do ranking pela dupla Florestan/Caio Prado Jr. correspondem às do conjunto dos marxistas brasileiros<sup>22</sup>. Os respondidos e os respondentes configuram um espaço social com agentes cujas origens tendem a pólos extremos da estratificação. Considerando-se a tabela da profissão materna, as três faixas de concentração de respostas são compostas de estratos que apontam, conjuntamente, para o topo da hierarquia da sociedade inclusiva (17,3%, profissionais de ensino superior) e para suas bases (54,5% - somando-se: outros trabalhadores sem exigência de escolaridade/ profissionais de educação básica). Não surpreende que, diferentemente de outros atributos das trajetórias dos autores, a ruptura de classe e a fidelidade à classe de origem sejam insistentemente lembradas. Considerando-se a tabela de escolaridade dos pais, observamos uma faixa média (M), que exprime a tendência mais ampla do sistema universitário coevo, com recente expansão de números – e não surpreende. A evidência que chama atenção é a concentração mais ou menos equilibrada nas faixas 1 e 2 – indivíduos cujos pais não concluíram o ensino fundamental e indivíduos cujos pais são portadores do ensino superior completo. Novamente, a heterogeneidade das origens culturais observada nas trajetórias dos dois autores favoritos dos marxistas corresponde à do grupo que os incensa.

Enquanto o sexo, a idade, o capital cultural e econômico constituem propriedades prévias ao ingresso no espaço universitário, o pertencimento disciplinar e a região de estudo/trabalho dos professores/alunos são princípios estruturantes e estruturados deste espaço.

<sup>22</sup> A observação a respeito da correspondência entre os autores do topo e seus eleitores em termos de sexo e idade (homens / fase produtiva da carreira), assim como a concentração na região sudeste (ver. abaixo) são banais.

Os autores mais respondidos formaram-se no sudeste e importa averiguar a região em que se concentram seus eleitores. No que diz respeito à localização geográfica, considerando-se as posições/atividades no espaço dos respondentes – isto é, estudo para os 157 alunos e trabalho para os 120 professores<sup>23</sup> – a concentração não surpreende. A pulverização do marxismo e do PSPB, assim como a reposição da centralidade e riqueza da região sudeste, verifica-se na capacidade de disseminação destes autores por regiões que ultrapassam as que lhes subsidiaram. A ordem decrescente – do sudeste, ao sul, nordeste, centro-oeste e norte do país – repete-se, com apenas uma exceção (ver. abaixo).

#### Região de moradia dos respondentes

Distribuição dos 277/632 eleitores de Florestan			Distribuição dos 988 respondentes, conjunto total.		
Regiões	Freq.	%	Regiões	Freq.	%
Norte	8	2,9	Norte	33	3,3
<b>Nordeste</b>	<b>40</b>	<b>14,4</b>	<b>Nordeste</b>	<b>172</b>	<b>17,4</b>
Centro-Oeste	20	7,2	Centro-Oeste	86	8,7
<b>Sudeste</b>	<b>153</b>	<b>55,2</b>	<b>Sudeste</b>	<b>497</b>	<b>50,3</b>
<b>Sul</b>	<b>52</b>	<b>18,8</b>	<b>Sul</b>	<b>192</b>	<b>19,4</b>
Não mora no Brasil	4	1,4	Não mora no	8	0,8
<b>Total</b>	<b>277</b>	<b>100</b>	<b>Total</b>	<b>988</b>	<b>100</b>

Os eleitores em exame formaram-se principalmente em Ciências Sociais (40,8%), História (29,2%) e Economia (15,2%). Portanto, quanto ao pertencimento disciplinar dos mesmos, nada se extrai de contraintuitivo. Comprovamos, de todo modo, a capacidade de seus nomes se espriarem em áreas circunvizinhas – embora seja difícil afirmar se isso se deva mais ou menos fortemente aos efeitos de difusão disciplinar do PSPB ou do marxismo.

Áreas de formação		
	Freq.	%
Arquitetura e Urbanismo	2	.7
<b>Ciências Sociais</b>	<b>113</b>	<b>40,8%</b>
Direito	15	5,4
<b>Economia</b>	<b>42</b>	<b>15,2</b>
Filosofia	7	2,5
Geografia	8	2,9
<b>História</b>	<b>81</b>	<b>29,2</b>
Letras/Linguística	9	3,2
Total	277	100,0

Considerados os atributos prévios ao ingresso no espaço e suas estruturantes internas, convém situar os respondentes face ao leque de escolhas do sistema partidário, *relativamente* externo ao âmbito universitário. No que tange à política partidária, dos

<sup>23</sup> Os indivíduos que são simultaneamente estudantes de pós-graduação e professores de universidades foram tratados como estudantes, nas questões que dividem as posições no espaço, pois esta segmentação pretende surpreender efeitos de posição (o que pressupõe considerar a transitoriedade/estabilidade das mesmas).

277 respondentes em exame, 27,8% afirmam não ter preferência por partidos. Os que afirmam ter alguma *preferência* partidária compõem 63,6% e se distribuem equilibradamente entre PSOL, PT, PCB – e em menor proporção no PSTU. Já no que diga respeito à sua *filiação* partidária, esta proporção praticamente se inverte: enquanto 68,6% afirmam não serem filiados a partido algum; 27,5% distribuem-se entre PCB, PT, PSOL, PSTU, PC do B (os demais se distribuem de modo muito disperso).

### Os Marxistas e os Partidos Políticos

277/632						988					
Preferência por	Freq.	%	Filiação a	Freq.	%	Preferência por	Freq.	%	Filiação a	Freq.	%
Nenhum	77	27,8	Nenhum	190	68,6	Nenhum	298	30,2	Nenhum	712	72,1
PSOL	52	18,8	PCB	20	7,2	PSOL	206	20,9	PT	67	6,8
PT	47	17,0	PT	19	6,9	PT	150	15,2	PSOL	63	6,4
PCB	45	16,2	PSOL	16	5,8	PCB	135	13,7	PCB	44	4,5
PSTU	32	11,6	PSTU	15	5,4	PSTU	81	8,2	PC do B	35	3,5
Consulta Popular	7	2,5	PC do B	6	2,2	PC do B	46	4,7	PSTU	33	3,3
PC do B	6	2,2	Consulta Popular	4	1,4	Consulta Popular	15	1,5	Consulta Popular	11	1,1

A proporção invertida, em termos de filiação/preferência, do conjunto dos 988 indivíduos, *grosso modo*, é reproduzida entre os 277. E tudo se passa como se à proporção de indivíduos filiados a partidos correspondesse o dobro de indivíduos cuja predileção partidária não passa à prática política partidária. Não surpreende que elejam autores cujo pertencimento ao sistema partidário foi peculiar e sem grandes recompensas. Florestan Fernandes, como se viu, vinculou-se a partidos por dois breves períodos, no início e no final de sua trajetória; Caio Prado Jr., foi fiel ao PCB, porém nem obteve nem disputou grandes ganhos no interior dele<sup>24</sup>.

À luz das propriedades sociais prévias à entrada no sistema que unifica a população em exame (sexo, idade, origens sociais), das características de sua posição

<sup>24</sup> Guardadas as devidas diferenças de material e contexto, a análise, obviamente inspira-se na primeira parte de BOURDIEU, 1989.

nele (região do país, disciplinas) e das tomadas de posição políticas externas a ele (predileção e filiação partidárias) torna-se inteligível a eleição de Florestan Fernandes e Caio Prado Jr., como os autores/intérpretes do Brasil que mais suscitam interesse nos marxistas universitários brasileiros. Entrementes, seria amador supor que a eleição fosse um espelhamento simples das características dos respondentes nas trajetórias dos respondidos. Dito sem rodeios, se for necessário: os respondentes em declínio social não adotam Caio Prado Jr. e os ascendentes, Florestan Fernandes. O princípio gerador das respostas encontra-se na refração específica que este espaço opera nas propriedades sociais brutas. Os respondentes não dispõem do conhecimento detalhado da história de vida dos respondidos, adotam o dever de lê-los por caminhos que a dispensam em conjunto e a pressupõem em fragmentos alinhavados pela referida refração. O melhor vestígio dela são entrevistas, obituários, homenagens – e toda sorte de “textos menores” – produzidos para/pela população em exame, nos quais a sociodiceia coletiva personifica-se nas biografias dos autores em geral e da dupla em particular.

### **Desinteresse interessado**

Numerosas são as “histórias do marxismo” e elas consistem, em geral, na evocação de grandes quadros históricos, enfaticamente tratados em sua dimensão política e econômica; dotados de forte carga dramática, dando ensejo à exaltação de feitos heroicos (de Karl Marx, dos marxistas, dos grupos, dos movimentos, dos partidos –marxistas). Incontornável observar que há uma sociodiceia coletiva nestas narrativas, cujos elementos lógicos são também sociológicos<sup>25</sup>. Os obituários e as homenagens elaborados por marxistas/sobre marxistas consistem numa personificação de elementos desta sociodiceia. A autoridade da autoria legítima, em geral, fundamenta-se nas relações relação pessoais e políticas entre os que homenageiam e os que são homenageados (são familiares, amigos íntimos, *compagnon de route*). O conteúdo delas retoma, recorrentemente, a integridade política irretocável, o pertencimento indiscutível ao marxismo (por meio do envolvimento dramático na história que unifica o grupo), assim como a personalidade e o estilo de vida, em afinidade com o gosto e os princípios de apreciação coletiva. Em geral difusas no meio, as dimensões problemáticas da experiência social e política dos marxistas são cristalizam-se nas

---

<sup>25</sup>“Sociodiceia” e “desinteresse interessado” são empregados seguindo a aceção que a releitura da sociologia da religião de Max Weber recebeu de Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 2003).

homenagens/obituários, tendo como matéria vidas geradoras de modelos atitudinais que, por terem-nas equacionado, são capazes de orientar condutas presentes. Por este motivo, personificam a sociodiceia de grupo, isto é, conferem sentido à ação, razão à desrazão, reforçando o valor das convicções, recompensando simbolicamente as escolhas.

As diversas seleções operadas no ranking não modificaram os nomes e a sequência dos 1º e 2º lugares, tampouco uma característica relacional do conjunto deles: os autores que comparecem em posições inferiores comentaram a obra ou escreveram textos de balanço sobre vida/obra dos autores em posições superiores. Portanto, são investidos pelo grupo da capacidade de fazer valer categorias classificatórias das trajetórias e princípios de apreciação das obras cujos autores estão no topo.<sup>26</sup>

Florestan Fernandes e Caio Prado Jr., falecidos, respectivamente, em 1995 e 1990, receberam incessantemente homenagens, inauguradas nos anos finais de sua vida. Elas cristalizam e sedimentam um repertório de questões para leitura de suas obras, princípios de apreciação das mesmas e um conjunto de categorias classificatórias de suas trajetórias. Dito de modo sintético, no caso de Florestan Fernandes, trata-se de classificações conflitantes (“o acadêmico e o político”) e a controvérsia gira em torno da passagem de um ao outro; no caso de Caio Prado Jr., a divergência é quase inexistente no plano das categorias de classificação, e a questão mais tangente é “como foi possível ser ele tão obediente (no partido) e tão criativo (intelectualmente)”. Não surpreende que os comentadores do primeiro divirjam e os do segundo se ponham em harmonia – entre os herdeiros simbólicos, a agonia de uma trajetória e a estabilidade da outra são reproduzidas. Enquanto posição/teses de Florestan Fernandes constitui-se de rotações jamais resolvidas (ascensão econômica sem integração social; universidade/partido; defesa da modernidade/da revolução); Caio Prado Jr. resolve-se precocemente e logo se estabiliza (saída do PD ao PCB; permanência nas teses centrais desde este ingresso).

No topo do ranking, observa-se aquele traço relacional (autor que gerencia autor), porém de modo invertido ao restante: é o 1º lugar (Florestan Fernandes) que incensa o 2º (Caio Prado Jr.). Eis um dos motivos pelos quais são indissociáveis – a indução da leitura processou-se de modo conjugado, Florestan o fazia para a vida/obra de Caio Prado Jr. e para a dele próprio – mecanismo que engendra as numerosas identificações entre nomes/autores neste espaço. Desse modo, os motores da ação da

---

<sup>26</sup> Ver o ranking dos 12 primeiros lugares, considerando as respostas dos 988 respondentes (Anexo 2). Não sendo poucos os professores em atividade respondidos nesta pergunta, ela apreende um dos papéis desempenhado por eles, na qualidade de indutores das leituras e gerenciadores do valor delas.

vida/obra e os princípios de apreciação, classificação e hierarquização delas, que constam em entrevistas, obituários, homenagens (e mesmo em pesquisas posteriores, de fatura similar às do *PSPB*, induzidas por estas práticas e por estes “textos menores”) encontram-se em três textos enxutos do sociólogo a respeito do historiador- cuja similaridade com os que produz a respeito de si próprio é insofismável<sup>27</sup>. O sucesso da indução da leitura realizada por Florestan Fernandes explica-se tanto pela predisposição do meio a reconhecer sua autoridade na matéria (relação pessoal e competência intelectual; atividade de editor de marxismo) quanto sua coerência. É impossível compreender o controle que o sociólogo exerceu sobre este ranking reafirmando a “correção” de sua leitura. O espaço social dos respondentes foi permeável às assertivas desta indução, a respeito dos motores da ação de suas vida/obra, assim como aos princípios de apreciação, classificação e hierarquização das mesmas – caso contrário, este ranking seria outro.

Ocorre no espaço uma refração entre as propriedades sociais dos respondentes e dos respondidos. Trata-se de transformar um acadêmico em político (Florestan Fernandes) e um comunista disciplinado num intelectual livre (Caio Prado Jr.) por meio da produção da crença: a) na fidelidade do primeiro a seu grupo de origem (em decalagem com a evidência objetiva de ter se desprendido dela, embora não tenha sido integrado aos grupos dirigentes); b) na ruptura do segundo com grupo de origem (em decalagem com a evidência objetiva de ter dependido inteiramente dos recursos dela, embora não tenha se mantido integrado a ela); c) no desinteresse de ambos pelos interesses materiais e pela consagração mundana. A imersão dos respondentes num meio movido pela interlocução entre agentes oriundos dos pólos da estratificação social é central para o entendimento disso. O interesse pelo desinteresse material é correlato às “rupturas” de classe e à “fidelidade” de classe observada na morfologia do grupo. Por isso, o princípio gerador da resposta exprime demandas simbólicas do meio satisfeitas por estes autores: ambos personalizam a *metamorfose da necessidade em virtude*. A heterogeneidade do espaço, que recruta em pólos tendentes aos extremos dos capitais econômicos e culturais, é compensada pela unificação simbólica em torno do princípio de inversão de classe e de in/dependência institucional/material nos dois casos, considerando-os tanto separadamente quanto na dupla que compõem. A posição

---

<sup>27</sup> Os textos são: a) Prefácio – “Os enigmas do círculo vicioso” (1988); b) Homenagem – “A visão do amigo” (1989) e c) Obituário – “Obra de Caio Prado nasce da rebeldia moral”. Os excertos mais expressivos dos mesmos foram transcritos no Anexo 1.

problemática – dos respondidos, dos respondentes – no sistema partidário e no sistema universitário é esteio do máximo de pureza do *desinteresse*. A necessidade feita virtude é alicerce da crença no *desinteresse* (dos bens materiais) *interessado* (nos bens espirituais) – propriedade definidora dos espaços de produção cultural (BOURDIEU, 1996, p. 246-sgts).

### **Anexo 1. Caio Prado Jr., segundo Florestan Fernandes.**

#### ***O desinteresse por bens mundanos e a ruptura/fidelidade de classe.***

“A primeira vez que fui à casa de Caio Prado Jr. pensava que iria encontrar ali um ambiente luxuoso, requintado, de ostentação. Nada disso! (...) uma **vida simples, moderada, espartana** ornava o caráter de quem (...) não recorria ao nível de vida e ao prestígio de classe, pois já **tinha renegado a classe**. (...) **O dever estava acima dos prazeres mundanos e do êxito passageiro. Ser forte e não ceder mesmo nas pequenas coisas não era uma virtude – era uma obrigação mínima!** Só a firmeza, a esperança e o amor justificavam as promessas do comunismo (...)”<sup>28</sup>

“(...) Membro de uma família rica e tradicional importante, que se tornou aristocrática no fim do século XIX (...) **a ele se abriram todas as portas. Pois bem, ele teve a fibra de romper com esse circuito, que também era um círculo de ferro.**”<sup>29</sup>

“**Lamento o tempo perdido. Nunca lhe perguntei nada sobre sua ruptura total com sua classe (...)**”<sup>30</sup>

“... ninguém saído das elites revela idêntica tenacidade, congruência e disposição de ir até o fim, às raízes das coisas.”<sup>31</sup>

“(...) grande homem, que desempenhou vários papéis como político, historiador, geógrafo, economista, teórico da ciência, e que, não obstante, **sempre foi muito simples e modesto.**”<sup>32</sup>

“... acho que a coisa mais difícil que fiz foi permanecer fiel à minha origem de classe”<sup>33</sup>.

“Esse ajustamento precisa ser posto em seu contexto biográfico e histórico específico. **Há pouca contradição no fato de eu ter ficado marxista. Minha história de vida encaminhava-me naturalmente nessa direção.** Não obstante, porque me tornei assistente e mais tarde catedrático da Faculdade de filosofia, **fui visto como um ressentido**, como alguém que cuspiu no prato em que comeu – que não soube ser grato aos que teriam me ‘ajudado’ aqui ou ali. Já **com Caio houve uma quebra de lealdade, uma ruptura com a classe a que ele pertencia** – e a classe que faria dele o que ele quisesse, com o talento e a fortuna de que dispunha. Ele poderia ter sido ministro do Estado, chefe de Estado, um dos grandes da República. Ele jogou tudo isso fora, para se dedicar ao movimento revolucionário mais temido e odiado. Ao proceder dessa forma, **converteu-se em um traidor da classe**. Só para fins comparativos: se não ficasse marxista, eu teria me acomodado às compensações da ascensão social, castrando-me como pessoa. Ninguém estranharia. Caio não. **Ele partiu do tope, fez o movimento inverso e no momento em que não havia crise moral no seio da classe dominante. Ao contrário, a**

<sup>28</sup> “A visão do amigo”. In. D’INCAO, M. *História e ideal*. São Paulo: Unesp/Brasiliense, 1989, p. 39.

<sup>29</sup> “A visão do amigo”. In. D’INCAO, M. *História e ideal*. São Paulo: Unesp/Brasiliense, 1989, p. 33.

<sup>30</sup> “Obra de Caio Prado nasce da rebeldia moral”. In. *Folha de S. Paulo*, 07 de setembro de 1991.

<sup>31</sup> “Obra de Caio Prado nasce da rebeldia moral”. In. *Folha de S. Paulo*, 07 de setembro de 1991.

<sup>32</sup> “A visão do amigo”. In. D’INCAO, M. *História e ideal*. São Paulo: Unesp/Brasiliense, 1989, p. 38.

<sup>33</sup> “Memória: entrevista – Florestan Fernandes”. In. *Perseu Abramo*, n. 13, 1991.

**classe dominante estava solidamente implantada no poder.** (...) avançando até o limite do ‘não retorno’ – o do revolucionário convicto, que adere com armas e bagagens aos inimigos da grande burguesia. Por um idealismo revolucionário, ele se tornou um ativista altamente qualificado da antielite e um ativista teórico e militante do partido da revolução proletária. Recebeu portanto, uma incompreensão rancorosa e uma exclusão ritual da alta sociedade, contra a qual se ergueu como um apóstata. Outros repetiram seu feito. No entanto, nem tal deserção nem tal ousadia continham o mesmo significado. Não eram Caio Prado Júnior.”<sup>34</sup>

*A pureza e o sacrifício (acadêmico sem Academia, comunista sem revolução).*

“Este livro foi escrito, originalmente, para ser apresentado como tese de livre docência da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. (...) o livro comprova o seu porte intelectual e mostra que a ditadura constrangeu a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras a **perder a presença direta e ativa de uma mente fecunda e de um grande historiador.**”<sup>35</sup>

“Por nós, ele teria ficado como professor (...) Sérgio (Buarque de Holanda) se aposentara contra a nossa vontade (...) (e) **só Caio poderia sucedê-lo e substituí-lo, à altura dos padrões mais exigentes da investigação histórica.** Infelizmente, a partir de dentro e de fora da Faculdade o projeto encontrou resistências intransponíveis e mesquinhas. O sonho abortou...”<sup>36</sup>

“... primeiro historiador que fecundou as ciências sociais com o marxismo. Ele reaparece com todo o brilho, como expressão legítima da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e das grandes aspirações que ela suscitou de uma revolução científica, que foi abafada e transferida para diante, e da qual **tornou-se um mestre sem ter sido um professor de carreira**”<sup>37</sup>

“... essa obra **importante, pioneira e clássica** nas ciências sociais na América Latina, assinala um momento novo, porque ela **se incorpora ao movimento intelectual** gerado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. esse é um dos nossos orgulhos. Ainda que fora da Faculdade de Filosofia, **Caio representava o seu espírito** e sustinha os seus avanços ... sem escrever aquelas histórias chatas, que vários autores que se consideravam marxistas publicavam e que, na verdade, não passavam de catecismo.”<sup>38</sup>

“Mas essa **curiosidade** objetiva (...) revelava-se **também na política.** Como deputado estadual, Caio era um homem que **trabalhava** de uma forma incrível. Acompanhando alguns dos trabalhos que ele fez na Assembleia Legislativa de São Paulo, fiquei admirado de constatar a **dedicação** com que ele se aferrava à pesquisa dos fatos, para chegar à elaboração das leis. Era um deputado **criativo, produtivo, invejável.**”<sup>39</sup>

“Como marxista, não realizava as tarefas do economista. Estabelecia uma **síntese**, que na esfera acadêmica seria entendida como uma fusão entre história, economia, geografia e sociologia. Ao mesmo tempo, nessa qualidade, tinha em mente que a história culmina na explicação do presente e que existe uma **relação recíproca entre teoria e prática, conhecimento e transformação da realidade**”.<sup>40</sup>

“... suponho que o modernismo e a atividade estudantil tiveram o seu peso. Mas este não parece decisivo. Diria que **contaram como reforço psicológico à predisposição arraigadamente orientada para o inconformismo moral** (...) **Se a proposição do enigma está correta, a resposta procede de uma**

<sup>34</sup> “A visão do amigo”. In. D’INCAO, M. *História e ideal*. São Paulo: Unesp/Brasiliense, 1989, p. 34.

<sup>35</sup> “Os enigmas do círculo vicioso” (1988). In. *História e desenvolvimento: a contribuição da historiografia para a teoria e prática do desenvolvimento brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 6-7.

<sup>36</sup> “A visão do amigo”. In. *História e ideal*. São Paulo: Unesp/Brasiliense, 1989, p. 28-29.

<sup>37</sup> “Os enigmas do círculo vicioso” (1988). In. *História e desenvolvimento: a contribuição da historiografia para a teoria e prática do desenvolvimento brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 11.

<sup>38</sup> “A visão do amigo”. In. D’INCAO, M. *História e ideal*. São Paulo: Unesp/Brasiliense, 1989, p. 32.

<sup>39</sup> “A visão do amigo”. In. D’INCAO, M. *História e ideal*. São Paulo: Unesp/Brasiliense, 1989, p. 31.

<sup>40</sup> “Os enigmas do círculo vicioso” (1988). In. *História e desenvolvimento: a contribuição da historiografia para a teoria e prática do desenvolvimento brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 6.

**ruptura moral interior. Nós, no interior do marxismo, sentimos alguma dificuldade em aceitar uma explicação fundada exclusiva ou predominantemente em uma ruptura moral.** Parece que resvalamos para uma centralidade idealista, (...) **não existe uma ligação ‘mecânica’ entre as decepções e a reorientação política (...) quem poderia ser, dentro de nosso cosmos cultural, mais marxista?**<sup>41</sup>

(...) Ele teve de **vencer** resistências psicológicas, barreiras sociais e conflitos humanos que lhe devem ter sido muito **dramáticos**. (...) **foi além** e espatifou todas as concepções, os valores e suas próprias raízes, em uma **transgressão** que ultrapassava o apoio à revolução de 1930. As inquietações devem ter sido **tormentosas** (...) em seguida, as dúvidas se dissiparam de maneira rápida; a transformação é, ao mesmo tempo, tão **penetrante quanto definitiva**.<sup>42</sup>

“eu poderia falar da **lealdade** aos amigos. (...) **eu tive a oportunidade de conhecer**, como outros que privaram com ele mais intensamente que eu. Eles explicam a sua obra, porque a obra é um produto dessas qualidades; ela exprime a sua capacidade **de ser objetivo, de ser corajoso, de ser íntegro, de ser crítico, de se dedicar a um objetivo com obstinação e ardor, de manter-se o mesmo...**”<sup>43</sup>

“Não carecemos de estar de acordo com ele em tudo para realçar o seu perfil marxista. Basta que enxerguemos a sua **coragem de enfrentar sozinho** os riscos de errar e a repressão política brutal, para admirá-lo ainda mais dentro e acima de sua produção **como historiador, geógrafo, economista, cultor da lógica e da teoria da ciência, homem de ação e político representativo**.”<sup>44</sup>

### *Correntes da liberdade*

**“O PCB não era uma simples ameaça à propriedade e à ordem existente, movida por desordeiros e desclassificados. Representava uma promessa digna de fé, endossada por gente responsável, egressa do topo da pirâmide e do núcleo do sistema de poder.** A revolta de Caio carregava consigo pois, uma carga explosiva e o expunha a todos os ódios, a todos os estigmas, a todas as perseguições ou difamações.”<sup>45</sup>

“(em *Evolução política do Brasil*, 1933) dá suas respostas aos membros da classe social dominante e ao PCB (...) para afirmar-se em toda a plenitude como um **intelectual revolucionário livre**, pronto avançar na conquista da revolução social e na emancipação dos excluídos, porém **dotado de uma faculdade própria de submeter-se à disciplina e às orientações partidárias**.”<sup>46</sup>

### *O gênero da coragem ?<sup>47</sup>*

“Também precisa ser salientada sua **coragem**. Um homem **intrépido**, que **aceitara serenamente os combates e os sacrifícios, sempre na linha de frente**, defendendo-se e atacando com **dignidade**. Mostrava uma **coragem** múltipla: no enfrentamento com os inimigos; na capacidade de resistir com os amigos; e, o que era, então, muito raro, **na virtude de desobedecer o Partido**, quando se impunha **opor-se à sua disciplina férrea**. (...) a vida de Caio gira em torno dessa **coragem**, que o levou para fora e

<sup>41</sup> “Obra de Caio Prado nasce da rebeldia moral”. In. *Folha de S. Paulo*, 07 de setembro de 1991.

<sup>42</sup> “A visão do amigo”. In. D’INCAO, M. *História e ideal*. São Paulo: Unesp/Brasiliense, 1989, p. 33.

<sup>43</sup> “A visão do amigo”. In. D’INCAO, M. *História e ideal*. São Paulo: Unesp/Brasiliense, 1989, p. 38.

<sup>44</sup> “Obra de Caio Prado nasce da rebeldia moral”. In. *Folha de S. Paulo*, 07 de setembro de 1991.

<sup>45</sup> “A visão do amigo”. In. D’INCAO, M. *História e ideal*. São Paulo: Unesp/Brasiliense, 1989, p. 34-35.

<sup>46</sup> “Obra de Caio Prado nasce da rebeldia moral”. In. *Folha de S. Paulo*, 07 de setembro de 1991.

<sup>47</sup> Embora esta dimensão não seja explorada no presente trabalho, obviamente a preponderância masculina entre respondidos e respondentes se manifesta nos atributos de consagração recíprocos dos autores dirigidos aos autores (as metáforas bélicas pipocam). A inteligibilidade disso, contudo, demanda outra análise, pois entendemos que as definições de gênero sejam relacionais, portanto, seria preciso investigar o pólo feminino dentro do espaço do marxismo para qualificar o impacto desta dimensão na escolha dos autores.

acima de si próprio. Ele nunca se resguardou em seu gabinete. Possuindo uma biblioteca esplêndida, uma cabeça inventiva, ele **nem buscava um refúgio nem se isolava** através da ‘investigação pura’.” (...)<sup>48</sup>

“Imaginem o que aconteceu com Caio. A **intrepidez** desse (...) **Caio suportou equilibrada e serenamente as duas espécies de sanção (da classe com que rompeu, do Partido que não o reconheceu). O seu saber de historiador ajudava-o a entender, perdoar e vencer** os entraves com os companheiros. A sua coragem e o seu orgulho o preparavam para repelir as afrontas dos esbirros e a repressão policial. **Fazia o seu aprendizado de intelectual revolucionário e descobria como eram tratados os de baixo e os que se viam banidos da legalidade por pertencerem ao PCB. Venceu, e as provas da vitória estão em sua carreira de militante, em sua fidelidade ao PCB e à causa de sua renovação. Essas provas valem tanto ou mais que seus méritos de historiador e suas credenciais de porte excepcional**”.<sup>49</sup>

“Caio, dentro de seu estilo objetivo, procedeu a uma análise de situações históricas distintas em termos comparativos e dela **ousou tirar conclusões divergentes das que eram defendidas e impostas pelo PCB.** (...) essa qualidade de **enfrentar até o fim, até o fundo uma pergunta intelectual que exige extrema coragem** e pode custar **sacrifícios imprevisíveis**, Caio possui em uma escala admirável e rara entre os intelectuais brasileiros”<sup>50</sup>

“Sofremos a **desventura de viver duas ditaduras dentro de uma vida, tão curta** como a nossa.”<sup>51</sup>

“Há um outro aspecto da personalidade de Caio Prado que eu gostaria de destacar: o **destemor**. A capacidade de avançar com **muita decisão e rapidez**. (...) A celeridade com que ele passa de uma posição política radical democrático-burguesa para uma posição política comunista.”<sup>52</sup>

“Ele sempre se revelou **um homem generoso** para com os jovens. E eu era mais novo e não tinha prestígio, como simples estudante.”<sup>53</sup>

## **Anexo 2. a) Ranking, 988 respondentes, sem segmentação de posições.**

Autores	Freq.	%
1º Florestan Fernandes	211	21,4
2º Caio Prado Junior	157	15,9
3º José Paulo Netto	68	6,9
4º Carlos Nelson Coutinho	52	5,3
5º Ricardo Antunes	40	4,0
6º Demerval Saviani	29	2,9
7º Ruy Mauro Marini	27	2,7
8º Francisco de Oliveira	25	2,5
9º Celso Furtado	24	2,4
10º Leandro Konder	20	2,0
11º Antonio Candido	18	1,8
12º Sérgio Buarque de Holanda	18	1,8
Total	689	69,7%

<sup>48</sup> “A visão do amigo”. In. D’INCAO, M. *História e ideal*. São Paulo: Unesp/Brasiliense, 1989, p. 33.

<sup>49</sup> “A visão do amigo”. In. D’INCAO, M. *História e ideal*. São Paulo: Unesp/Brasiliense, 1989, p. 35.

<sup>50</sup> “A visão do amigo”. In. D’INCAO, M. *História e ideal*. São Paulo: Unesp/Brasiliense, 1989, p. 38.

<sup>51</sup> “A visão do amigo”. In. D’INCAO, M. *História e ideal*. São Paulo: Unesp/Brasiliense, 1989, p. 39.

<sup>52</sup> “A visão do amigo”. In. D’INCAO, M. *História e ideal*. São Paulo: Unesp/Brasiliense, 1989, p. 35.

<sup>53</sup> “A visão do amigo”. In. D’INCAO, M. *História e ideal*. São Paulo: Unesp/Brasiliense, 1989, p. 28.

**b) Ranking, 988 respondentes, segmentadas as posições do espaço (alunos x professores). Observe-se que ele se diferencia a partir do 6º lugar, sendo que a partir do 3º comparecem nomes de professores em atividade ou recentemente falecidos. A autoridade dos professores não é instituída exclusivamente pelo corpo discente, portanto.**

Autores de alunos		Freq.
1º	Florestan Fernandes	118
2º	Caio Prado Júnior	90
3º	José Paulo Netto	32
4º	Carlos Nelson Coutinho	25
5º	Ricardo Antunes	24
6º	Demerval Saviani	19
7º	Ruy Mauro Marini	17

Autores de professores		Freq.
1º	Florestan Fernandes	93
2º	Caio Prado Júnior	67
3º	José Paulo Netto	36
4º	Carlos Nelson Coutinho	27
5º	Ricardo Antunes	16
6º	Celso Furtado	15
	Demerval Saviani	10
	Francisco de Oliveira	10
7º	Leandro Konder	10
	Ruy Mauro Marini	10

**c) Indutores de leitura.** Como afirmamos, não sendo poucos os professores em atividade respondidos nesta pergunta, ela apreende um dos papéis desempenhado por eles, na qualidade de indutores das leituras e gerenciadores do valor delas. Por isso, a posição dos professores no ranking (a partir do 3º lugar) é determinante explicativa parcial do topo: eles escreveram a respeito de Florestan Fernandes e Caio Prado Jr. constatado isso, obviamente é a posição dos professores que resta a explicar – objeto de outro artigo.

**3º José Paulo Netto (sobre o 1º).** “A recuperação marxista da categoria de revolução”. In: D’INCAO, M. (org.) *O saber militante. Ensaios sobre Florestan Fernandes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

**4º Carlos Nelson Coutinho (sobre o 1º):** “Marxismo e imagem do Brasil em Florestan Fernandes” (2000). <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=90> – última consulta 19/06/2016.

**5º Ricardo Antunes (sobre o 1º):** “Florestan Fernandes: um espírito sintonizado com as lutas sociais. In: MARTINEZ, P. H. (Org.). *Florestan ou o Sentido das Coisas*. São Paulo: Boitempo, 1998. (Livro reúne homenagens prestadas por ocasião do falecimento de Florestan Fernandes).

**6º Demerval Saviani (sobre o 1º):** “Florestan Fernandes e A Educação”. In. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 10, n.26, p. 71-87, 1994. (Número especial da revista, em homenagem a Florestan Fernandes).

**7º Ruy Mauro Marini** – não se aplica.

**8º Francisco de Oliveira (sobre o 9º):** *A Navegação Venturosa: ensaios sobre Celso Furtado*. São Paulo: Boitempo, 2003.

**9º Celso Furtado** – não se aplica.

**10º Leandro Konder (sobre o 2º):** “A façanha de uma estreia (pp. 133-142). In: D'INCAO, M. História e ideal: *ensaios sobre Caio Prado Júnior*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

**11º Antonio Candido (sobre o 1º):** “Florestan Fernandes, marxista”. <http://marxismo21.org/florestan-fernandes/> – última consulta 19/06/2016.

12º Sérgio Buarque de Holanda – não se aplica.

### **Bibliografia citada**

ABBOTT, A. « Le chaos des disciplines ». In. BOUTIER, J.; PASSERON, J-C; REVEL, J. *Qu'est-ce qu'une discipline ?* Paris: Éditions EHESS, 2006.

ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDERSON, P. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. São Paulo: Boitempo, 2004.

ARRUDA, M. A. N. 1995. “A Sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a ‘escola paulista’”. In. MICELI, S. (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil. Vol 2*. São Paulo: Sumaré.

BASTOS, E. R. “Pensamento social na Escola Sociológica Paulista”. In. MICELI, S. (org.) *O que ler na Ciência Social Brasileira*, v. IV. São Paulo/Brasília: Sumaré-ANPOCS/Capes, 2002.

BOITO Jr., A.; MOTTA, L. E. “Karl Marx no Brasil”. In. [http://www.portalcfh.ufsc.br/files/2014/06/Marx\\_no\\_Brasil.pdf](http://www.portalcfh.ufsc.br/files/2014/06/Marx_no_Brasil.pdf) (Última consulta em 30/05/2016).

BOSCHETTI, A. *Sartre et Les temps modernes. Une entreprise intellectuelle*. Paris: Éditions Minuit, 1985.

BOTELHO, A. « Pensamento social brasileiro no mundo : entrevista ». Disponível em: <https://circuitoacademico.com.br/2014/08/22/pensamento-social-brasileiro-no-mundoentrevista-com-andre-botelho-parte-ii/> (última consulta em 10/06/2016).

BOURDIEU, P. *Homo academicus*. Paris : Minuit, 1984.

\_\_\_\_\_. *La noblesse d'État*. Paris: Éditions de Minuit, 1989.

\_\_\_\_\_. « Gênese e estrutura do campo religioso ». In. MICELI, S (org. e trad.). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003, 5ª ed.

\_\_\_\_\_. *As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário*. Lisboa: Presença, 1996.

BOTELHO, A. “Simpósio: cinco questões sobre o pensamento social brasileiro”. *Lua Nova*, n. 82.

BRANDÃO, G. M. *Linhagens do pensamento político brasileiro*. São Paulo: Hucitec, 2009.

BRUN, E. *Les situationnistes. Une avant-garde totale*. Paris: CNRS Éditions, 2014.

CHARLE, C. « L’habitus scolastique et ses effets. A propos des classifications littéraires et historiques ». In. CLÉMENT, F. *Et. All. L’inconscient académique*. Editions Seismo, 2006.

- ELIAS, N. “Scientific establishments”. In.: ELIAS, N.; MARTINS, E.; WHITLEY, R. (orgs.). *Scientific Establishments and Hierarquies*. Dordrecht: D. Rieder, 1982.
- FABIANI, J-L. « À quoi sert la notion de discipline ? ». In. BOUTIER, J.; PASSERON, J-C; REVEL, J. *Qu’est-ce qu’une discipline ?* Paris: Éditions EHESS, 2006.
- FERNANDES, F. “A pessoa e o político” (entrevista para) *Nova Escrita Ensaio*, n.8, 1981.
- \_\_\_\_\_. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Globo, 2008, 5ª ed.
- \_\_\_\_\_. *A revolução burguesa no Brasil*. São Paulo: Zahar, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Circuito fechado. Quatro ensaios sobre o “poder institucional”*. São Paulo: Hucitec, 1976.
- \_\_\_\_\_. “Os enigmas do círculo vicioso” (1988). In. *História e desenvolvimento: a contribuição da historiografia para a teoria e prática do desenvolvimento brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- \_\_\_\_\_. “A visão do amigo”. In. *História e ideal*. São Paulo: Unesp/Brasiliense, 1989.
- \_\_\_\_\_. “Obra de Caio Prado nasce da rebeldia moral”. In. *Folha de S. Paulo*, 07 de setembro de 1991.
- GINGRAS, Y. « Les formes spécifiques de l’internationalité du champ ». *Actes de la recherche en science sociales*, n. 141, 2002/5.
- \_\_\_\_\_.; HEILBRON, J. « La résilience des disciplines ». *Actes de la recherche en science sociales*, n. 210, 2015/5.
- GOUARNÉ, I. 2013. *L’introduction du marxisme em France. Philosoviétisme et sciences humaines (1920-1939)*. Rennes : Presses Universitaires de Rennes.
- GOTTRAUX, P. *Socialisme ou Barbarie. Un engagement politique et intellectuel dans la France de l’après-guerre*. Lausanne, Éditions Payot, 1997.
- HAUPT, G. “Marx e o marxismo”. In. HOBBSBAWM, E. (org.). *História do marxismo*, v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- HEILBRON, J. *Naissance de la Sociologie*. Marseille : Agone, 2006.
- \_\_\_\_\_. BOKOBZA, A. « Transgresser les frontières en sciences humaines et sociales en France », *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 210, 2015/5.
- HOBBSBAWM, E. “Introdução”. In.: *História do marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- LIMONGI, F. “Marxismo, nacionalismo e cultura: Caio Prado Jr. e a revista brasiliense”, 1987. Disponível em: [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_05/rbcs05\\_02.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_05/rbcs05_02.htm) - última consulta, 12/06/2016.
- LYNCH, C. “Cartografia do pensamento político brasileiro: conceito, história, abordagens”. In. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 19, abril 2016.
- MATONTI, F. *Intellectuels communistes. Essai sur l’obéissance politique. La Nouvelle Critique (1967-1980)*. Paris : La Découverte, 2005.

- MICELI, S. *Intelectuais e classe dirigente (1920-1945)*. In. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- \_\_\_\_\_. “Condicionantes do desenvolvimento das Ciências Sociais”. In.: MICELI, Sérgio. (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil, v. 1*. São Paulo: Sumaré, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Vanguardas em retrocesso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- MUSTO, M. “La MEGA et les nouveaux visages de Karl Marx”. *La Pensée*, n. 360, 2009.
- PONTES, H. 1998. *Destinos mistos: os críticos do grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*. São Paulo: Companhia das letras.
- PRADO Jr., C. *Evolução política do Brasil: colônia e império*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994, 21ª ed.
- \_\_\_\_\_. *Formação do Brasil contemporâneo. Colônia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 (1942).
- \_\_\_\_\_. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1945, 1ª Ed. (com introdução metodológica que foi retirada das edições posteriores).
- \_\_\_\_\_. “É preciso deixar o povo falar”/1978. In. MOTA, L. D. (org.) *A história vivida, v. 1*, São Paulo: OESP, 1981.
- \_\_\_\_\_. *URSS: um novo mundo*. São Paulo: Nacional, 1934.
- \_\_\_\_\_. “O fator geográfico no desenvolvimento da cidade de São Paulo”. In. *Geografia*, ano I, n. 3, 1935.
- \_\_\_\_\_. “Nova contribuição para a geografia urbana da cidade de São Paulo”. In. *Estudos Brasileiros*, ano III, vol. III, 1941.
- \_\_\_\_\_. “Roteiro para historiografia do Segundo Reinado (1840-1889)”. In. BORBA DE MORAIS (et. all). *Manual bibliográfico de estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: Gráfica Souza, 1949.
- \_\_\_\_\_. “Ayres de Casal: o pai da geografia brasileira e sua corografia brasílica”. In. *Corografia brasílica*. Instituto Nacional do Livro, 1945.
- \_\_\_\_\_. *Diretrizes para uma Política Econômica Brasileira*. São Paulo: Urupês, 1954.
- \_\_\_\_\_. *Caio Prado Jr. e o ‘Juca Pato’*. São Paulo, Arquivo do Estado, 1983.
- \_\_\_\_\_. *História e desenvolvimento. A contribuição da historiografia para a teoria e prática do desenvolvimento brasileiro* (São Paulo: Brasiliense, 1999, 3ª ed).
- \_\_\_\_\_. *O estruturalismo de Lévi-Strauss e o marxismo de Louis Althusser*. São Paulo: Brasiliense, 1971.
- \_\_\_\_\_. *A questão agrária no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- \_\_\_\_\_. *O que é a liberdade: capitalismo x socialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- \_\_\_\_\_. *O que é filosofia*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- \_\_\_\_\_. *A cidade de São Paulo: geografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- RENISIO, Y. « L’origine sociale des disciplines », *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 210, 2015/5.

RODRIGUES, L. M. “O PCB: os dirigentes e a organização”. In. FAUSTO, B. (org.) *História geral da civilização brasileira: o Brasil republicano*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996, 6ª ed.

RODRIGUES, L. S. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e ‘um seminário’ em São Paulo (1958-1978)*. Tese de Doutorado. FFLCH-USP, 2012.

\_\_\_\_\_. “Armadilha à francesa”. *História da historiografia*, n. 11, 2013.

\_\_\_\_\_. “Marx em três tempos de Florestan”. *Dois Pontos*, v. 13, n. 1, 2016a.

\_\_\_\_\_. “Leitores e leituras universitários de Karl Marx (São Paulo, 1958-1964)”. *Intelligere. Revista de História Intelectual*, v. 2, n. 1, mai/ago, 2016b.

SAPIRO, G. “Le champ est-il national?”. In. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 200, 2013.

\_\_\_\_\_. “Le savant et le littéraire”. In. : HEILBRON, J.; LENOIR, R.; SAPIRO, G. (dir.). *Pour une histoire des sciences sociales: hommage à Pierre Bourdieu*. Paris: Fayard, 2005.

SCHÖTTLER, P. ; GRANDJONC, J. « Une troisième MEGA? Entretien avec Jacques Grandjunc ». *Genèses* n. 1, v. 11, 1993.

SCHWARCZ, L. K. ‘*Os guardiões da nossa história oficial*’. *Os institutos históricos e geográficos brasileiros*. São Paulo: Idesp, 1989.

SOULIÉ, C. « Anatomie du goût philosophique ». In. *Actes de la recherche en science sociales*, v. 109, 1995.

\_\_\_\_\_. « Apprentis philosophes et apprentis sociologues ». *Sociétés contemporaines* (1995), n. 21, p. 89-101.

TARCUS, H. *Marx en la Argentina. Sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

YMONET, Marie. “Les héritiers du *capital*. L’invention du marxisme en France au lendemain de la Commune”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 55, novembro 1984.